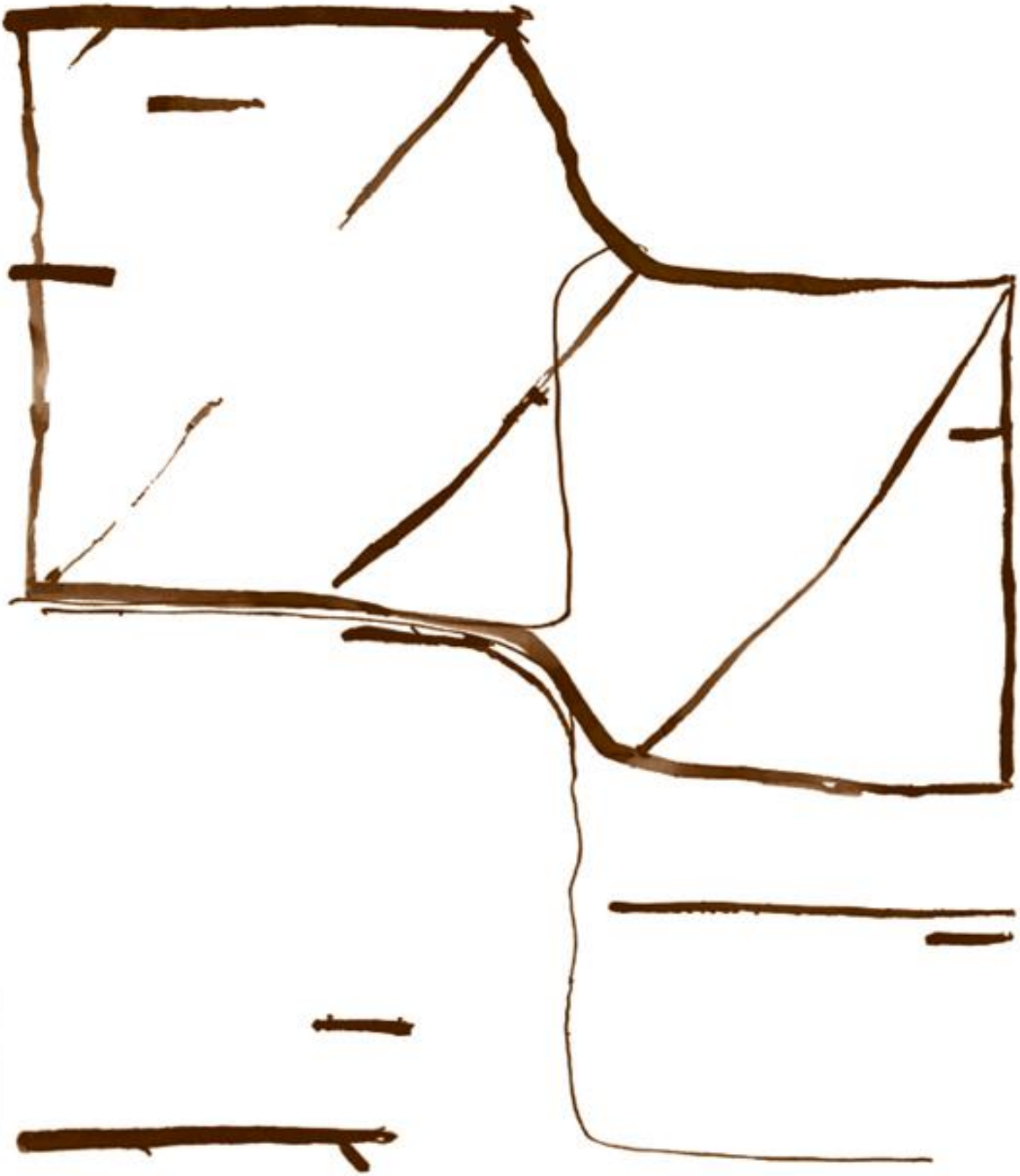
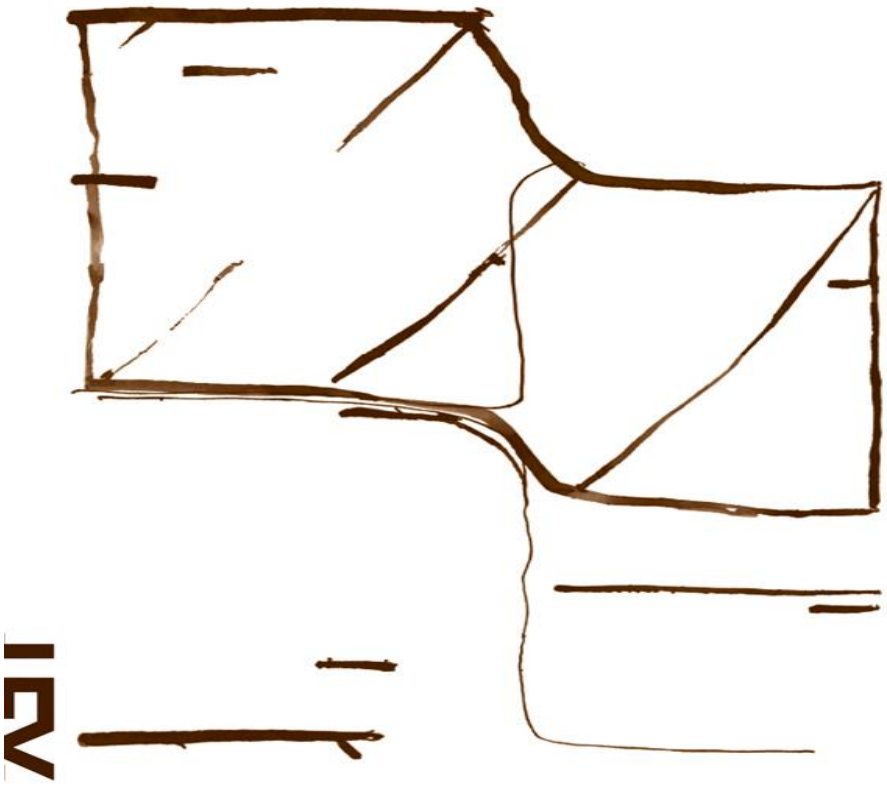
VICTOR HUGO OS MISERÁVEIS



VICTOR HUGO OS MISERÁVEIS



IV

COSACNAIFY

VICTOR HUGO

OS MISERÁVEIS

TRADUÇÃO
FREDERICO OZANAM PESSOA DE BARROS

APRESENTAÇÃO
RENATO JANINE RIBEIRO

NOTA DOS EDITORES

Esta tradução, inteiramente revista, foi publicada pela primeira vez em 1957, pela extinta Editora das Américas. Alguns critérios de padronização e pontuação foram modernizados, o que resultou em um estilo mais fluente e em um texto que se pretende mais próximo dos leitores de hoje. O tradutor ampliou o já extenso repertório das notas, compilando, se não um painel completo, pois em *Os miseráveis* tal objetivo é de fato inalcançável, um quadro mais que representativo da cultura francesa da época e de seu universo de referências. Obedecendo à índole hierárquica da sociedade aqui retratada, optou-se por grafar com maiúsculas os pronomes de tratamento – Sr., Sra., Srta. etc. – e os cargos e títulos – militares, administrativos, nobiliárquicos –, desde que se refiram a um ocupante em particular, seja ele personagem ficcional ou histórico. Certos fatos ou períodos históricos também aparecem aqui em maiúsculas, como, por exemplo, Revolução Francesa, Antigo Regime, Antiguidade etc. Para eliminar a confusa padronização das edições francesas no que se refere ao uso de aspas, travessões e itálicos, aqui estes são usados para caracterizar, respectivamente, o pensamento dos personagens, os diálogos e as citações de textos dentro do romance. As aspas também podem indicar fragmentos de falas e reflexões dos personagens, quando reproduzidos em parágrafos da narrativa indireta; e o uso de itálicos ocorre ainda em obediência a ênfases narrativas determinadas pelo autor. Raros casos, portanto, apresentarão a concomitância de aspas e itálicos. Nomes próprios, de pessoas e lugares, foram mantidos em francês, exceção feita aos nomes de personagens históricos já consagrados em português, como Napoleão Bonaparte, Luís XVIII etc.

UM NOVO OLHAR

A miséria é um tema novo, no século XIX. Como realidade, é bem antiga, mas a novidade é ela se tornar tema, isto é, aparecer como algo que causa escândalo e que, dizem cada vez mais romancistas e cientistas sociais, pode – e deve – ser superado. Luís XIV, conforme alguns historiadores, estava consciente da miséria que grassava em seu reino, na segunda metade do século XVII; isso não o impedia de prodigar luxo, a si mesmo e a seus próximos; simplesmente, não acreditava que pudesse fazer o que quer que fosse contra a pobreza. Mas os tempos mudaram. A principal causa da mudança está talvez nas enormes migrações do campo para a cidade, que marcaram esse período de guerras e de industrialização, que foi o começo do século XIX, deslocando gigantescos contingentes de homens e mulheres. Estes deixavam o campo, no qual tinham um certo endereço, onde, embora vivessem em condições modestas, dificilmente lhes faltava moradia (ainda que o mesmo nem sempre se pudesse dizer da comida), e iam para cidades onde emprego, residência e alimentação eram precários e, eventualmente, até inexistentes. Tal processo não é privilégio de um só país: em *Os miseráveis*, veremos sua realização francesa, mas, se lermos Charles Dickens, teremos sua versão inglesa. É isso o que permite falar de um espetáculo da pobreza, na Londres e na Paris do século XIX.[1]

Podemos abordar esse tema por um ângulo preciso, o da mudança no olhar. Victor Hugo é quem o observa, por volta de 1840. A essa época, ele frequenta os poderosos, melhor dizendo, o Rei Luís Filipe e sua família; é Par de França e, nessa qualidade, membro da Câmara Alta. Já é escritor respeitado e toma algumas posições que farão parte de sua fama, como por exemplo a oposição à pena de morte. É a Câmara dos Pares que julga quem tenta assassinar o rei, coisa que acontece algumas vezes sob o reinado de Luís Filipe. Contrário à guilhotina, ainda assim Victor Hugo anota com certo alívio que o regicida não está mais submetido à antiga punição do

parricida, que tinha a mão amputada, no cadafalso, antes de lhe cortarem a cabeça.

Mas o grande poeta ainda se mostra, no tocante à pobreza, bastante ingênuo. E exemplo disso é que o incomode a percepção de um novo olhar, o dos pobres sobre os ricos. Numa festa dada pela monarquia, por exemplo, percebe que os pobres – do lado de fora de uma cerca – olham com rancor para o luxo que se ostenta nas roupas, nos comes e nos bebes dos privilegiados. Comenta Hugo: *Eles não entendem que é o consumo suntuário dos mais ricos que lhes dá trabalho e emprego*. Nada de notável nesse comentário, absolutamente conservador, superado do ponto de vista econômico. Podia valer para as condições políticas do Antigo Regime, da monarquia sustentada em seus privilégios, mas já não serve para um tempo em que os direitos passam a ser o fundamento da política.

Um tempo depois, porém, um segundo olhar marca-o. É o de um pobre vendo um rico que desce de uma carruagem, no centro de Paris. Faísca ódio no olho do pobre. Penso que é então que Victor Hugo se dá conta dos conflitos sociais em torno da miséria. Deixa de censurar o pobre por não respeitar quem lhe dá emprego, e começa a compreender o peso das lutas sociais. Lamenta esse fato, continua talvez acreditando que a riqueza e mesmo o consumo suntuário dão pão aos pobres – mas percebe, o que é importantíssimo, a radicalidade desse olhar crispado de ódio.

Certamente, para quem lê a história *a posteriori*, e além disso conhece Marx, Victor Hugo pode parecer superficial. Aliás, nas primeiras e nas últimas páginas de *O dezoito brumário de Luís Bonaparte*, obra de Marx publicada no começo de 1852, Victor Hugo se vê questionado – ou, se não ele, pelo menos suas posturas. Viu o golpe de Estado de Luís Napoleão Bonaparte, em dezembro de 1851, como algo inesperado (um raio em céu azul). Conclamou o povo de Paris a se revoltar contra o golpe, e isso quando as bases sociais para tal resistência já estavam eliminadas. São dois pontos que Marx critica ou ridiculariza.[2] Mas tais críticas importam relativamente pouco, porque o mínimo a dizer delas é que são anacrônicas: Victor Hugo foi o maior responsável por se constituir, na França e num mundo inteiro que lia e sentia com base na cultura francesa, uma preocupação com a miséria. Com ele, não só se deslancha esse tema como, além disso, se assume uma fisionomia compassiva, solidária.

Mas falemos um pouco do olhar. Havia, no Antigo Regime, isto é, sob o reinado dos três Luíses que precedem a Revolução Francesa, um olhar de

outro tipo. O rei dava-se a ver. A brilhante novidade de Luís XIV, ao tomar o poder por volta de 1660, foi oferecer-se em espetáculo a quem o rodeasse. A França vivera uma convulsão, a Fronda, em plena infância do Rei. Certa noite, para certificar-se de que a Corte ainda estava na capital, a populaça parisiense entrara no quarto do jovem Luís XIV, que dormia; diz-se que ele jamais perdoou essa desfeita. Retirou-se de Paris, construiu Versalhes e, muitos anos depois da Fronda, ao saber de um antigo rebelde, desde então súdito fiel e pacato, ainda o mandou enforcar. A Inglaterra saía de uma república que até mandara executar o próprio Rei, Carlos I. Bordeaux, no sul da França, chegou a traduzir os textos dos *levellers*, os mais radicais dentre os revolucionários ingleses, que defendiam uma reforma agrária ampla.

Contra a turbulência que assim ameaçava as monarquias europeias, e inclusive a sua, a inteligência de Luís XIV consistiu em criar um silêncio à sua volta, feito de respeito, temor e admiração. A etiqueta foi a regra dessa nova, e muito hierárquica, sociabilidade. Há monarquias em que não se pode olhar o rei, seja na África, seja no mais antigo czarismo; ele é sagrado, porque oculto. Luís adotou a estratégia oposta: o Rei seria sedutor, seria sol. Perto dele, todos os astros empalideceriam. Daí a construção de um novo e belo palácio. Daí a importância, nesse palácio de Versalhes, de tudo o que chamasse a atenção para a vista, a principiar pelos jardins geométricos e pelas fontes. Daí a concentração da nobreza à sua volta.

No reinado de seu pai, Luís XIII, o poderoso Cardeal de Richelieu, chefe do governo, mandara demolir os castelos fortes dos nobres, assim como fizera decapitar aqueles senhores que teimavam em duelar, a despeito dos editos reais, e ainda substituíra, nas refeições, a faca de gume cortante pela faca rombuda, de ponta curva, que hoje conhecemos. Tudo isso obedecera a uma estratégia bastante precisa de repressão à violência, em especial àquela patrocinada pela alta nobreza que, dos tempos feudais, guardara a turbulência e, mais que isso, a pretensão de exercer poderes e direitos que agora incumbiam ao Rei, detentor do monopólio da violência legítima, aquela exercida pela lei. Pois Luís XIV levou mais longe essas práticas que mesclavam a alta política (fortificações destruídas) e a micro (talheres que não fossem armas). Instaurou não só a etiqueta, mas um novo gosto: só valia o que estivesse perto do Rei, só valia o valido que olhasse o Rei e fosse visto por ele. A Corte se constitui em espetáculo. Nada, fora dela, vale a pena. Um nobre, o Conde de Wardes, banido da Corte por longo tempo, é

chamado de volta por Luís XIV; agradece a Sua Majestade: *Longe de vós, não se é somente infeliz, é-se ridículo*. *É-se nada.* Só importa o que o rei vê.

Ele não vê a miséria. Sabe, sim, que existe, mas como nada pode – ou nada quer – fazer por ela, fica fora de sua visão. No belíssimo filme *Vatel*, em que se propõe uma nova leitura dos últimos dias desse grande cozinheiro do Príncipe de Condé, há uma cena em que uma mulher do povo, em andrajos, insulta Luís XIV, responsabilizando-o pela morte de seu filho nos canteiros de obras de Versalhes. Condé manda castigá-la com cem chibatadas, e Luís aprecia essa punição. A miséria não merece piedade. Para o furto doméstico, aliás, a pena é a forca. Mesmo Voltaire, um século depois, justificará castigo tão pesado para delito tão pequeno, dizendo que furtar o patrão é uma quebra imperdoável da confiança que deve reinar na casa.

Temos, ao longo dos séculos XVII e XVIII, uma sociedade em que o olhar se tornou fundamental. Quando Matteo Ricci constrói seus palácios da memória, isto é, divulga uma técnica mnemônica que nos faz lembrar o máximo de coisas alojando-as nos cômodos de construções imaginadas, é o olhar que serve de suporte para o aprendizado. O mesmo ocorre quando Descartes filosofa, usa como critério da verdade a evidência (mal traduzindo, aquilo cuja verdade salta aos olhos) e pede, terminada uma sessão de conhecimento, que enumeremos, que tabulemos, que revisemos tudo o que foi exposto. A razão que então se emancipa recorre em abundância ao visual. E isso para não falar no extraordinário avanço das artes visuais, no período clássico – ou barroco, se quisermos. Mas, desse olhar, a pobreza não é o alvo. Mesmo no século seguinte ao do Rei-Sol, quando Luís XV abre aos domingos o palácio de Versalhes para os burgueses de Paris, o que estes desejam ver é mais o rei – tomando o seu café da manhã – do que os aposentos e jardins. A realeza, a nobreza e o luxo são ainda o objeto privilegiado do olhar.

Por isso é tão importante que, um dia, Victor Hugo perceba a importância do olhar do miserável. Porque aqui é indissociável, no que estamos dizendo da visão, quem vê e quem é visto. Enxergar e ser enxergado são um só movimento. No Antigo Regime, o rei era o objeto mais desejado do olhar, mas era também dele o olhar que dava vida às pessoas, mais precisamente, aos cortesãos. Longe dele, o nobre definhava (precisava, se fosse exilado em suas terras, aprender a ser estoico). Analogamente, quando Victor Hugo capta o ódio do pobre, ele não só dá a esse último a dignidade, tão

demorada a aparecer, de ser um sujeito cujos olhos, cuja visão da sociedade, contam e têm importância, como também o torna personagem do grande teatro do mundo. Ele passa a ser visto. Passa-se a falar dele.

Ou tomemos outra via. Em julho de 1830, Paris se revolta contra o Rei Carlos x, que tentava restaurar o absolutismo monárquico. São três dias de combates nas ruas. Serão conhecidos como as "Três Jornadas Gloriosas". Alexandre Dumas, ainda moço, sai armado para lutar contra a monarquia despótica. Coloca-se numa barricada. Mas não tem onde apoiar seu fuzil. Um operário se aproxima, ajoelha-se e oferece seu ombro como apoio para a arma dele. Alexandre Dumas, constrangido, diz-lhe: – Sem proteção, você vai morrer. – O operário responde: – Minha vida vale menos que a sua, porque não sei atirar e o senhor sabe.

Um episódio como esse é significativo. O operário se sacrifica àquele que, por ser mais rico, é dono de uma arma e sabe manejá-la. Mas a Revolução de 1830 foi o último grande movimento mais político do que social da história da França. Victor Hugo comenta-a, em seu diário (na verdade, ele tem dois diários, um pessoal e íntimo, e outro que trata dos assuntos públicos; refiro-me a este último, publicado com o título de *Choses vues*). Entusiasma-se por ela.

Mas passa-se um mês ou dois das jornadas de julho de 1830, e Victor Hugo acrescenta: *A França mudou por completo, estas semanas. Antes, nosso referencial era a Inglaterra. Agora é a América.* Explica-se essa intuição. A França tinha por ideal, até depor Carlos x, ter uma monarquia constitucional como a inglesa. Sua história – o que Victor Hugo não diz, talvez nem tenha consciência plena disso, mas está implícito em suas palavras – emulava a inglesa. A Inglaterra depôs e decapitou, em 1649, um rei, Carlos i. A França fez o mesmo com Luís xvi, em 1793. Seguiu-se uma república, nos dois países, na qual o poder acabou empolgado por um único homem; Cromwell na Inglaterra, com os poderes e vestes de rei ainda que sem o título, Napoleão na França, com os poderes e título de imperador – mas isso durou pouco tempo. Os dois deixaram seu poder para o filho, mas nem Richard Cromwell se manteve, nem Napoleão ii chegou a reinar. A antiga monarquia foi restaurada e, se quisermos ser muito detalhistas, notaremos que se sucederam no trono dois irmãos, Carlos ii e Jaime ii, na Inglaterra, Luís xviii e Carlos x, na França; e, deles, o segundo a reinar se mostrou mais implacável, mais radical, mais intransigente, a ponto de

precipitar uma sublevação apoiada até pelos mais moderados de seus súditos.

Essa revolução foi "gloriosa" na Inglaterra – porque não derramou sangue, porque foi promovida pela classe alta, porque o próprio genro e a filha do rei a comandaram e, depois, assumiram o trono, sem portanto os transbordamentos populares que levaram a primeira Revolução Inglesa a radicalizar-se. E foram as "Três Jornadas Gloriosas" na França, porque também tudo se deu rapidamente, num amplo consenso social, assim evitando a radicalização da primeira e grande Revolução Francesa. O caráter glorioso assim, nos dois casos, exaltava a utilização de meios menos violentos, mas também o resultado mais conservador.

Só que, terminado isso, a França para de imitar a Inglaterra. Essa imitação durara dez ou quinze anos. A revolução iniciada em 1789 e o império que se seguiu a ela tinham sido processos históricos originais. A Restauração dos Bourbon, em 1814, mesmo com todo o seu sentido retrógrado (Luís XVIII considerava estar reinando desde a morte de seu sobrinho, o infeliz Delfim Luís XVII, supondo portanto nulos e írritos o regime republicano e o imperial), introduzira uma nova agenda política. A liberdade de expressão, a paz e as eleições rompiam com a censura, a guerra e o centralismo do poder napoleônicos. É verdade que havia a censura, que a França invadira a Espanha para reprimir a Revolução Liberal e que, nas eleições, não só não havia sufrágio universal como também se usavam truques, como por exemplo dar votos suplementares a quem pagasse mais impostos. Mas, com tudo isso, um processo de liberalização se iniciara. E ele parecia culminar, em 1830, na constituição de uma monarquia efetivamente constitucional. Só que a maioria teve a sensação de ter-lhe sido furtada a flama revolucionária, ao término das jornadas gloriosas, quando um primo do Rei, ainda que liberal, subiu ao trono. É por isso que Victor Hugo diz que o referencial passou para os Estados Unidos, ou seja, que já não basta a monarquia constitucional, agora se sonha com a república.

Mas mesmo isso é insuficiente. Na verdade, o que 1830 divide não é tanto o ideal monárquico constitucional do republicano, mas o ideal político do social. O operário de Dumas podia dar a vida para que o burguês atirasse no inimigo comum, o Rei déspota, Carlos X. Mas as condições sociais insuportáveis em que viviam os pobres e miseráveis logo fariam, do operário e do burguês, inimigos. Só isso permite entender, como Victor

Hugo contará a certa altura das páginas que se seguem, que os trabalhadores se empenhassem tanto em se armar. Não importa se sabiam ou não do episódio que Alexandre Dumas relata: o fato é que não queriam mais servir de carne para canhão nas lutas da burguesia, que se dava por satisfeita com "o Rei burguês", Luís Felipe. E essa importância das lutas sociais na política francesa – e europeia – é o que distinguirá o Velho Mundo do Novo, no qual é sempre possível, como dirá Marx em *O dezoito brumário*, remeter os excluídos para o Oeste, deportar para a extensão territorial o conflito de classes, em outras palavras, sair da caldeira explosiva em que a história se produz para uma geografia apaziguadora.

Porque aqui estamos na caldeira explosiva. Os operários se tornaram classe perigosa – é o nome de um clássico da análise sociológica, *Classes laborieuses, classes dangereuses*, de Chevallier, no qual se trata da imagem que as classes dominantes francesas constroem a respeito dos trabalhadores. Uma série de medidas se adotará contra eles – entre as quais, em 1850, uma lei eleitoral que restringe o direito ao voto, pouco tempo antes estendido a todos os homens maiores de idade e a quem residisse havia pelo menos três anos no mesmo município. Isso não só subtrai o voto da mão de obra migrante, numericamente enorme, dadas as condições de exploração do trabalho, como também submete o trabalhador a um atestado de residência fornecido pelo próprio patrão, que pode negá-lo a um empregado cujas ideias políticas não lhe pareçam seguras.

É esse o universo que Victor Hugo vai nos apresentar. As lutas sociais estão surgindo na cena pública. Antes, elas apareciam a reboque de outros movimentos. Constituíram o desdobramento radical da Revolução Inglesa, a de 1640, ou da Revolução Francesa, de 1789. Porém, com a década de 1830, elas acontecem por conta própria. E *Os miseráveis* é a grande obra – ao lado de muitas outras, que vendiam bastante na época – não só a mostrar o espetáculo da pobreza, mas a despertar nossos sentimentos pelos mais pobres. É uma maneira de negar que os operários sejam perigosos. Podem até parecê-lo, na sua fúria justa, mas não o são. Toda uma política de solidariedade com eles, de apoio aos explorados, vai ter nos sentimentos de compaixão, difundidos por Victor Hugo, o seu combustível. Essa política poderá até ser criticada, pelos marxistas, como lacrimosa, piegas, mas ela é fundamental para entender como uma cultura de massas, vendida aos milhares de exemplares (hoje diríamos, aos milhões), passa a tematizar não só o amor infeliz de ricas herdeiras órfãs, mas a infelicidade das massas

trabalhadoras. É muito melhor do que a mania pela segurança pública que, hoje, a mídia constrói.

Renato Janine Ribeiro

1 Valho-me aqui do título do belo livro de Maria Stella Bresciani *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

2 *O dezoito brumário* é uma obra importante, e já lhe dediquei um artigo "O novo e o páthos (em torno de *O dezoito brumário*)", in *A última razão dos reis*, São Paulo: Companhia das Letras, 1993, 1ª. reimpressão 2002. Mas não deve ser superestimada. A análise cheia de desprezo que vota a Napoleão III não se justifica. O imperador presidiu um desenvolvimento econômico importante e, não fosse ter sido derrotado na Guerra Franco-Prussiana de 1870, os marxistas não poderiam ler seu reinado com o sarcasmo de *O dezoito brumário*. E tampouco se justifica o desdém que o mesmo Marx vota à II República (1848-51), por sua vida tão curta, a seu ver fruto da pouca radicalidade no trato das questões sociais; depois do estudo de Maurice Agulhon, *1848 ou o aprendizado da República*, ela pode ser considerada como a experiência histórica que dissociou a República e o Terror, que aboliu a pena de morte em matéria política, em suma, que preparou a França para a consolidação republicana que se dará a partir da década de 1870.

PREFÁCIO

Enquanto, por efeito de leis e costumes, houver proscrição social, forçando a existência, em plena civilização, de verdadeiros infernos, e desvirtuando, por humana fatalidade, um destino por natureza divino; enquanto os três problemas do século – a degradação do homem pelo proletariado, a prostituição da mulher pela fome, e a atrofia da criança pela ignorância – não forem resolvidos; enquanto houver lugares onde seja possível a asfixia social; em outras palavras, e de um ponto de vista mais amplo ainda, enquanto sobre a terra houver ignorância e miséria, livros como este não serão inúteis.

Victor Hugo
Hauteville-House, 1862.[*]

* *Hauteville-House* mansão comprada por Victor Hugo em Guernesey, pequena ilha inglesa no mar da Mancha, onde passou a maior parte de seu exílio, provocado por sua oposição

FANTINE 1

des alinéa où il

JL

I

M. Myriel

En 1815, M. Charles-François-Bienvenu Myriel était évêque de D. C'était un vieillard d'environ soixante-quinze ans; il occupait le siège de D. depuis 1806. Quoique ce détail ne touche en aucune manière au fond même de ce que nous avons à raconter, il n'est peut-être pas inutile, ne fût-ce que pour être exact en tout, d'indiquer ici les bruits et les propos qui avaient couru sur son compte au moment où il était arrivé dans le diocèse. Vrai ou faux, ce qu'on dit des hommes tient souvent autant de place dans leur vie et surtout dans leur destinée que ce qu'ils font. M. Myriel était fils d'un conseiller au parlement d'Aix. On racontait de lui que son père, le réservant pour hériter de sa charge, l'avait marié de fort bonne heure, à dix-huit ou vingt ans, suivant un usage assez répandu dans les familles parlementaires. M. Myriel, nonobstant ce mariage, avait, disait-on, beaucoup fait parler de lui. Il était bien fait de sa personne, quoique d'assez petite taille, élégant, gracieux, spirituel; toute la première partie de sa vie avait été donnée au monde et aux galanteries. La révolution survint, les événements se précipitèrent, les familles parlementaires décimées, chassées, traquées, se dispersèrent. M. de M. passa en Italie. Sa femme y mourut d'une maladie de poitrine

LIVRO PRIMEIRO
UM JUSTO

I | CHARLES MYRIEL

Em 1815, era Bispo de Digne[1] o Sr. Charles-François-Bienvenu Myriel,[2] um velho com mais ou menos setenta e cinco anos de idade, que aí residia desde 1806.

Embora esse detalhe não afete de maneira nenhuma a essência de nossa narração, não é, contudo, inútil, ainda que não fosse senão para sermos exatos em tudo, reproduzir aqui os comentários sobre sua pessoa quando chegou à diocese. Verdade ou mentira, muitas vezes o que se diz dos homens tem tanta importância em sua vida como o que estes realmente fazem. O Sr. Myriel era filho de um conselheiro do Parlamento de Aix; aristocracia parlamentar. Contava-se que seu pai, querendo-o como herdeiro do cargo, casou-o muito cedo, com dezoito ou vinte anos, seguindo uso muito comum entre famílias parlamentares. Charles Myriel, apesar do casamento, deu muito que falar. Era atraente, embora de pequena estatura, elegante, gracioso, espirituoso; toda a primeira parte de sua vida foi gasta em galantarias e mundanidades. Veio a Revolução, os acontecimentos se precipitaram, as famílias parlamentares, dizimadas, procuradas, cercadas, dispersaram-se. Charles Myriel, logo nos primeiros dias da Revolução, fugiu para a Itália. Aí sua esposa faleceu, vítima de afecção pulmonar, de que havia tempos sofria. Não tinha filhos. Que se passou, então, na vida de Charles Myriel? Talvez a destruição da antiga sociedade francesa, a queda de sua própria família, os trágicos espetáculos de 1793, mais aterradores ainda para os emigrados, que os viam aumentados pela distância e pelo medo, tivessem feito nascer nele ideias de renúncia e solidão. Terá sido ele, em meio às distrações e amizades que ocupavam sua vida, subitamente vitimado por um desses golpes misteriosos e terríveis, que, às vezes, atingindo o coração, transtornam o homem que as catástrofes públicas,

tirando-lhes família e fortuna, não conseguiriam abalar? Ninguém o poderia afirmar com segurança; sabe-se apenas que, ao voltar da Itália, ele era padre.

Em 1804, Myriel era vigário em Brignolles. Já idoso, vivia em profunda solidão.

Pela época da coroação, um pequeno problema de sua paróquia o levou a Paris. Entre outras pessoas influentes, visitou o Cardeal Fesch, para defender interesses de seus paroquianos.[3] Numa ocasião em que o Imperador fora ao palácio de seu tio, o digno Sacerdote, que esperava na antecâmara, achava-se no caminho por onde Sua Majestade devia passar. Napoleão, sentindo-se observado com certa curiosidade, voltou-se e disse bruscamente:

– Quem é esse homem que está me olhando?

– *Sire* – disse o Sr. Myriel –, vós vedes um pobre homem; eu, porém, contemplo um grande homem. Ambos temos de que aproveitar.

O Imperador, na mesma noite, pediu ao Cardeal o nome daquele Padre, e algum tempo depois o Sr. Myriel foi surpreendido pela sua nomeação para a diocese de Digne.

Que havia de real, enfim, nas histórias que se contavam sobre a primeira parte da vida do Sr. Myriel? Ninguém o poderia dizer. Pouca gente havia conhecido sua família antes da Revolução.

O Sr. Myriel devia ter a sorte de todo recém-chegado a uma cidade pequena, onde há muitas bocas que falam e poucas cabeças que pensam; isso embora fosse ele Bispo, e justamente porque era Bispo. Enfim, os boatos em torno de sua pessoa não passavam de boatos, cochichos, diz-que-diz, palavrórios.

Fosse quem fosse, afinal, depois de nove anos de episcopado e residência em Digne, todas essas invenções, objetos das conversas usuais, que ocuparam no princípio o povinho das pequenas cidades, foram completamente esquecidas. Ninguém ousaria repeti-las ou relembrá-las.

O Sr. Myriel chegou a Digne acompanhado da Srta. Baptistine, sua irmã, dez anos mais moça que ele, ainda solteira.

Tinham uma única criada, da mesma idade que a Srta. Baptistine, chamada Magloire que, depois de ser *a criada do Sr. Vigário*, tinha agora um duplo título: camareira da Srta. Baptistine e despenseira do Sr. Bispo.

A Srta. Baptistine era alta, pálida, delicada, agradável; era realmente o que indica a palavra “respeitável”, pois me parece que uma mulher para se tornar venerável precisa ser mãe. Nunca foi bonita; toda a sua vida, que não foi senão uma sequência de boas obras, envolveu-a numa espécie de brancura, de claridade, e, com os anos, ganhou o que poderíamos chamar de beleza da bondade. O que era magreza em sua juventude tornou-se transparência, diafaneidade que deixava entrever um anjo. Era mais que uma virgem, era uma alma. Parecia feita de sombras: o mínimo de corpo para que ali houvesse um sexo; um pouco de matéria envolvendo uma luz; grandes olhos sempre modestos; um pretexto, enfim, para que uma alma permanecesse na terra.

Mme. Magloire era uma velhinha pálida, gorda, atarefada, e sempre ofegante, por causa de sua contínua atividade e, ultimamente, também pela asma que a afligia.

À sua chegada, o Sr. Myriel foi acomodado no Palácio Episcopal, com todas as honras exigidas pelos decretos imperiais, que punham a dignidade episcopal logo abaixo da de Marechal de Campo. Visitaram-no o *Maire*[4] e o Presidente, e ele, de sua parte, levou seus cumprimentos ao General e ao Prefeito.

Terminada a recepção, a cidade esperava sua atividade episcopal.

II | O SR. MYRIEL TORNA-SE DOM BIENVENU

O Palácio Episcopal de Digne era contíguo ao hospital; vasta e bela mansão construída em pedra nos começos do século passado, por D. Henri Puget, Doutor em Teologia pela Faculdade de Paris, Vigário de Simore, Bispo de Digne em 1712. Era uma verdadeira residência senhorial. Tudo ali era grandioso: os aposentos do Bispo, os salões, os quartos, o pátio principal muito espaçoso, rodeado de pórticos com arcadas, seguindo antiga moda florentina, e jardins com árvores magníficas. Na sala de jantar, longa e soberba ao rés-do-chão, abrindo-se para os jardins, D. Henri Puget ofereceu, em 29 de julho de 1714, um jantar de cerimônia aos Srs. Charles Brûlart de Genlis, Arcebispo-Príncipe de Embrun; a Antoine de Mesgrigny, Capuchinho, Bispo de Grasse; a Phillippe de Vendôme, Grão-Prior de França; ao Abade de Saint-Honoré de Lérins, François de Bertan de Grillon, Bispo-Barão de Vence; a César de Sabran de Forcalquier, Bispo-Senhor de

Glandève; e a Jean Soanen, Padre do Oratório, Pregador Ordinário do Rei, Bispo-Senhor de Senez. Os retratos desses sete personagens venerandos decoravam a sala, e essa data memorável, 29 de julho de 1714, estava gravada em letras de ouro sobre uma mesa de mármore branco.

O hospital era uma casa acanhada e baixa; um único andar com um pequeno jardim.

Três dias depois de sua chegada, o Bispo quis conhecer suas instalações. Terminada a visita, pediu ao Diretor que fosse até sua residência.

– Senhor Diretor – disse-lhe – quantos doentes tem atualmente?

– Vinte e seis, Excelência.

– Justamente os que eu contei – disse o Bispo.

– As camas – continuou o Diretor – estão muito apertadas.

– Já o tinha notado.

– As salas são quartos comuns e o ar não se renova facilmente.

– É justamente o que me parece.

– Além disso, quando há um pouco de sol, o jardim é muito pequeno para os convalescentes.

– Já havia reparado nisso.

– Nas epidemias, este ano foi o tifo, há dois anos foi a febre miliar, às vezes com cem doentes, não sabemos o que fazer.

– E não podia ser de outra forma.

– Que quer, Excelência? – disse o Diretor – é preciso resignar-se.

Esse diálogo se deu na sala de jantar, a galeria, ao rés do chão.

O Bispo calou-se por um momento; depois, voltando-se rapidamente para o Diretor do hospital, lhe disse:

– Quantos leitos, acha o senhor, poderiam caber nesta sala?

– Na sala de jantar de V. Exa.? – exclamou espantado o Diretor.

O Bispo percorria a sala com os olhos; parecia fazer cálculos e tomar medidas.

– “Nesta sala poderiam ficar vinte camas!” – disse consigo mesmo; depois, elevando a voz: – Olhe, Senhor Diretor; aqui há, evidentemente, um grande erro. Vocês são vinte e seis pessoas mal acomodadas em cinco ou seis quartos pequenos. Nós somos três, e há lugar para sessenta. Repito, aqui há um erro: vocês estão no meu lugar e eu no de vocês. Deem-me a minha casa; a de vocês é esta.

No dia seguinte, os vinte e seis doentes pobres estavam acomodados no Palácio Episcopal e o Bispo no hospital.

Charles Myriel não tinha fortuna, pois sua família perdera tudo durante a Revolução. Sua irmã recebia uma pensão vitalícia de quinhentos francos, que bastava para seus gastos pessoais. Ele, por sua vez, recebia do Estado, como Bispo, quinze mil francos. No mesmo dia em que se mudou para o edifício do hospital, determinou que essa quantia, de uma vez por todas, fosse empregada da seguinte maneira. Transcrevemos aqui uma anotação feita por ele mesmo.

ORÇAMENTO DAS DESPESAS DE MINHA CASA

Para o seminário menor 1 500 francos

Congregação das Missões 100 francos

Para os lazaristas de Montdidier 100 francos

Seminário das Missões Estrangeiras de Paris 200 francos

Congregação do Espírito Santo 150 francos

Fundações religiosas da Terra Santa 100 francos

Sociedades de Caridade Maternal 300 francos

Para a de Arles, mais 50 francos

Obras para a melhoria das prisões 400 francos

Obras para socorro e libertação de prisioneiros 500 francos

Para a libertação dos pais de família presos por dívidas 1 000 francos

Abono ao ordenado dos professores pobres da diocese 2 000 francos

Celeiro de Hautes-Alpes 100 francos

Congregação de senhoras de Digne, de Manosque e de Sisteron, para educação gratuita de moças pobres 1 500 francos

Para os pobres 6 000 francos

Despesa pessoal 1 000 francos

total 15 000 francos

Durante todo o tempo em que foi Bispo de Digne o Sr. Myriel não mudou em nada essas disposições. Chamava a isso *ter regularizado as despesas da casa*.

Essa ordem foi aceita com absoluta submissão por Baptistine. Para ela, o Bispo de Digne era, ao mesmo tempo, seu irmão e seu Bispo, seu amigo e

seu superior eclesiástico. Amava-o e venerava-o sinceramente. Se ele falava, ouvia cabisbaixa; se trabalhava, ajudava-o. Somente a criada, Mme. Magloire, reclamava um pouco. O Bispo, como vimos, não reservou para si mais que mil francos, que, juntos à pensão da Srta. Baptistine, somaram mil e quinhentos francos por ano. Com essa quantia viviam as duas senhoras e o velho Sacerdote.

Quando um cura da aldeia ia a Digne, sempre achava um jeito de o hospedar, graças à severa economia de Mme. Magloire e à inteligente administração da Srta. Baptistine.

Um dia, já estava em Digne havia mais ou menos três meses, o Bispo disse:

– Com tudo isto, estou bem-arrumado!

– É isso mesmo! – exclamou Mme. Magloire – o senhor nem ao menos reclamou a verba para as despesas de transporte na cidade e nas viagens pela diocese. Esse era o costume com os bispos de antigamente.

– Isso mesmo! – disse o Bispo – a senhora tem razão, Mme. Magloire – e fez a reclamação.

Algum tempo depois, o Conselho Geral, considerando o pedido, votou-lhe uma soma anual de três mil francos, como *verba concedida ao Sr. Bispo para despesas de transporte nas viagens pastorais*.

A burguesia logo reclamou, e na mesma ocasião um Senador do Império, membro do Conselho dos Quinhentos, favorável ao brumário e agraciado com magnífica senatoria perto de Digne, escreveu furioso ao Ministro dos Cultos, o Sr. Bigot de Préameneu, um bilhete confidencial, do qual extraímos estas linhas autênticas:[5]

Despesas de transportes! Para quê, numa cidade que não tem quatro mil habitantes? Despesas de viagens? Para que essas viagens? Além disso, como se pode andar de carruagem nessa região montanhosa? Não há estradas. Só se pode andar a cavalo. A ponte de Durance em Château-Arnoux só aguenta carros de boi. Esses padres são todos assim, gananciosos e avarentos. Esse, quando chegou, portou-se como um bom apóstolo de Cristo. Agora, está como os outros; precisa de coches e carruagens. Precisa de luxo como os bispos de antigamente. Essa padralhada! Sr. Conde, as coisas só andarão bem quando o Imperador nos entregar essa turma. Abaixo o Papa! (Roma complicava os problemas). Quanto a mim, eu sou de César somente… Etc. etc.

Em compensação, isso alegrou muito Mme. Magloire. – Bom – disse ela à Srta. Baptistine –, o Senhor Bispo começou pelos outros, mas felizmente acabou cuidando de si. Todas as suas esmolas já estão marcadas. Enfim, temos três mil francos para nós.

Na mesma noite, o Bispo mandou à irmã um bilhete nestes termos:

DESPESAS DE VIAGENS

Para dar caldo de carne aos doentes do hospital 1 500 francos

Para a Sociedade de Caridade Maternal de Aix 250 francos

Para a Sociedade de Caridade Maternal de Draguignan 250 francos

Para as crianças abandonadas 500 francos

Para os órfãos 500 francos

total 3 000 francos

Esse era o orçamento do Sr. Myriel.

Quanto aos proventos da Diocese, banhos, dispensas, batizados, sermões, bênçãos de igrejas e capelas, casamentos etc., era tão diligente em cobrar dos ricos como generoso em dar aos pobres.

Passado algum tempo, começaram a chegar donativos em dinheiro. Abastados e necessitados batiam à porta do Sr. Myriel, uns procurando a esmola que outros tinham trazido. Já era tesoureiro de todas as obras de beneficência e caixa para socorro de todas as necessidades. Quantias consideráveis passavam pelas suas mãos; mas nada fazia com que mudasse o mínimo em seu estilo de vida ou acrescentasse qualquer coisa de supérfluo ao absolutamente necessário.

Longe disso. Como a miséria nas classes baixas é sempre maior que o espírito de fraternidade das classes altas, tudo era distribuído antes mesmo de ser recebido; era como água em terra seca: ele gostava de receber dinheiro, mas estava sempre precisando de mais. Privava-se, então, até do pouco que possuía.

Como é costume que os bispos aponham seu nome de batismo no começo de suas ordens e cartas pastorais, a gente humilde do lugar escolheu, como por afetuoso instinto, entre seus nomes e sobrenomes, o mais significativo: chamavam-no de Dom Bienvenu. Daqui por diante,

chamá-lo-emos assim, mesmo porque isso lhe agradava. – Gosto desse nome – dizia –, Bienvenu tira a pomposidade do *Dom*.

Não temos a pretensão de que esse retrato seja verdadeiro: dizemos apenas que é parecido.

III | A BOM BISPO MAU BISPADO

Não era porque havia convertido sua côngrua em esmolas que ele deixaria de fazer suas visitas. A Diocese de Digne era difícil de percorrer. Há poucas planícies, muitas montanhas, quase nenhuma estrada; trinta e duas paróquias, quarenta e um vicariatos e cento e oitenta e cinco capelanias. Era um problema visitar tudo isso, mas ele o conseguia. Quando a distância era pequena ia a pé; nas planícies, andava de carriola e nas montanhas servia-se de artolas, cestas com encostos atados ao lombo das cavalgaduras. Mme. Magloire e a Srta. Baptistine o acompanhavam. Quando o caminho era muito cansativo para elas, ia só.

Um dia, chegou a Senez, antiga cidade episcopal, montado num jumento. Suas posses, muito minguadas então, não lhe permitiram melhor meio de transporte. O *Maire* da cidade foi recebê-lo à entrada do bispado e o viu, muito escandalizado, apear-se do jumento. Algumas pessoas riam-se da cena.

– Sr. *Maire* – disse o Bispo –, senhores: compreendo bem o que os escandaliza; acham que é muita soberba para um pobre Padre vir a cavalo num animal de que Jesus Cristo se servia. Eu lhes asseguro, porém, que não o fiz por vaidade, mas por necessidade.

Nessas visitas era indulgente e afável; mais conversava que pregava. Nunca ia longe para buscar modelos e exemplos. Aos habitantes de um lugar, citava fatos acontecidos na povoação vizinha. Nos lugares onde havia sido exigente em favor dos necessitados, dizia:

– Vejam os de Briançon: eles deram aos indigentes, viúvas e órfãos o direito de ceifar os campos três dias antes que qualquer outro, e reconstroem-lhes gratuitamente as casas em ruínas. É um lugar abençoado por Deus. Há um século que lá não se comete um assassinato.

Nas aldeias ávidas de lucros, onde os agricultores não se ajudavam mutuamente, dizia:

– Vejam os de Embrun. Se um pai de família, no tempo da colheita, tem um filho no serviço militar ou as filhas trabalhando na cidade, ou está doente ou incapacitado, o Vigário o recomenda aos fiéis durante o sermão e, no domingo, depois da missa, todos os habitantes da vila, homens, mulheres e crianças, vão ao seu campo, fazem-lhe a colheita, guardando-lhe a palha e o grão nos celeiros.

Às famílias divididas por questões de dinheiro ou herança, dizia:

– Vejam os montanheses de Devolny, lugar tão selvagem que aí não se ouve o rouxinol cantar nem uma vez em cinquenta anos. Pois bem, quando numa família falece o pai, os filhos saem a fazer fortuna e deixam a herança para as mulheres, a fim de que possam encontrar marido.

Nos lugares onde apreciam processos e demandas e onde os fazendeiros se arruínam com a burocracia dos papéis selados, dizia:

– Vejam os bons camponeses do vale de Queyras. São três mil almas, meu Deus! Parece uma pequena república. Ali não se sabe o que é um juiz ou um oficial de justiça. O *Maire* faz tudo: estabelece os impostos, obriga a cada um em consciência, julga gratuitamente as questões, divide patrimônios e profere sentenças sem receber honorários, e todos lhe obedecem porque é um homem justo entre gente simples.

Onde não havia professores, falava ainda de Queyras:

– Sabem como eles fazem? – dizia. – Como uma aldeia de doze ou quinze famílias não pode sustentar um professor, têm professores pagos por toda a região; estes percorrem as povoações, passam oito dias aqui, dez ali, e ensinam. Tais mestres vão também às feiras, como tive ocasião de constatar. Distinguem-se pelas penas de escrever que levam na fita dos chapéus. Os que só ensinam a ler têm uma pena; os professores de leitura e cálculos, duas; os que ensinam leitura, cálculo e latim, três penas. Estes, sim, são grandes sábios. Mas como é vergonhoso ser ignorante! Façam como os de Queyras.

Assim falava, gravemente, paternalmente; à falta de exemplos, inventava parábolas, indo direto à sua finalidade, com poucas palavras e muitas imagens, persuasivo, convencido do que dizia: era essa a eloquência de Jesus Cristo.

IV | AS PALAVRAS EM HARMONIA COM AS AÇÕES

Sua conversa era afável e alegre. Punha-se à altura das duas senhoras que viviam a seu lado; quando ria, seu riso era sincero como o de um colegial.

Mme. Magloire chamava-o naturalmente de Vossa Alteza.[6] Um dia, levantou-se da poltrona e foi à biblioteca procurar um livro que estava numa das prateleiras mais altas. Como o Bispo era de baixa estatura, não o alcançou. – *Mme. Magloire* – disse –, *traga-me uma cadeira*. *Minha Alteza não chega àquela altura*.

Uma de suas parentas afastadas, a Condessa de Lô, raramente deixava de repetir em sua presença o que ela chamava de "as esperanças" de seus três filhos. Seus numerosos ascendentes, bastante idosos, já estavam próximos da morte, e a herança caberia naturalmente a eles. O mais jovem dos três deveria receber de uma tia-avó uns bons mil francos de renda; o segundo herdaria de seu tio o título de Duque, e o mais velho sucederia seu avô no pariato. O Bispo escutava habitualmente em silêncio essas inocentes e muito perdoáveis vaidades de mãe. Mas, uma vez, estava mais distraído que de costume enquanto a Condessa de Lô renovava os detalhes de todas essas heranças e "esperanças". Interrompendo-se, então, com impaciência disse: – Meu Deus, sobrinho! Em que está pensando agora? – Estava meditando sobre algo interessante que li, acho, em Santo Agostinho: *Pondes vossa esperança justamente no que não vai acontecer*.

Outra vez, recebendo carta que comunicava o falecimento de um gentil-homem do lugar, na qual se expunha, além das dignidades do morto, uma lista de todos os títulos feudais e de nobreza da família inteira, exclamou:

– Que bons ombros tem a morte! Que formidável carga de títulos fazem-na levar. É preciso que os homens sejam muito espirituosos para usar o túmulo como ocasião de vaidade!

Às vezes era delicadamente zombeteiro; sempre, porém, com alguma intenção séria. Durante uma Quaresma, veio a Digne um jovem vigário. Pregou eloquentemente sobre a caridade, convidando os ricos a serem generosos para com os necessitados, a fim de evitarem o inferno, que pintou com as cores mais horríveis que pôde, e ganharem o paraíso, encantador e sumamente desejável. Havia entre os ouvintes um ex-comerciante muito rico, um tanto avarento, chamado Géborand, que tinha ganho dois milhões fabricando tecidos ordinários, sarjas, lãs e bonés. Em toda a sua vida não havia dado uma esmola sequer. Desde esse sermão notaram que, todos os domingos, dava um vintém às pobres velhinhas da porta da catedral. Eram

seis para dividir a moeda. Um dia, o Bispo o notou fazendo sua caridade domingueira e disse sorrindo à sua irmã: – *Repare só Géborand comprando um vintém de paraíso*.

Quando se tratava de caridade, não desistia mesmo diante de negativas, usando então palavras que faziam refletir. Uma vez, fazia a coleta num salão da cidade. Estava presente o velho Marquês de Champtercier, rico, avarento, que achava jeito de ser ao mesmo tempo ultrarrealista e ultravoltairiano. Já existiu gente assim. O Bispo, chegando-se a ele, chamou-o e disse:

– *Senhor Marquês, é preciso que contribua com alguma coisa*.

O Marquês voltou-se e respondeu:

– *Excelência, eu tenho os meus pobres.*

– *Dê-mos então* – disse o Bispo.

Noutra ocasião, pronunciou na catedral um sermão assim:

– Caríssimos irmãos, meus bons amigos: em França há um milhão, trezentos e vinte mil casas de camponeses que não têm senão três aberturas; um milhão, oitocentos e dezessete mil, com apenas duas aberturas: uma porta e uma janela; enfim, trezentas e quarenta e duas mil cabanas com uma única abertura, a porta. Isso por causa do que se chama de imposto de portas e janelas. Ponham essas pobres famílias, velhos e crianças, em tais lugares, e podem esperar febres e doenças! Que pena! Deus dá o ar aos homens e a lei quer vendê-lo. Não acuso a lei, mas bendigo a Deus. Em Isère, no Var, nos Altos e Baixos-Alpes, os aldeões não possuem nem carrinhos de mão; carregam o adubo nos ombros; não têm velas, para obterem luz queimam madeiras resinosas ou cordões embebidos na resina das árvores. O mesmo se dá em toda a região do Alto-Delfinado. Fazem pão para seis meses, cozinhando-o com estrume de vaca seco. No inverno partem esse pão a golpes de machado, mergulhando-o na água por vinte e quatro horas para que se torne comível. Irmãos, tenham piedade: vejam como sofrem ao redor de nós.

Nascido na Provença, em pouco tempo familiarizou-se com os dialetos do Midi.

Assim, costumava dizer:

– *Eh bé! moussu, sés sagé?* – como no Baixo-Languedoc. – *Onté anaras passa?* – como nos Alpes Baixos. – *Puerte un bouen moutou embe un bouen froumage grase* – como no Alto-Delfinado.[7] Isso agradava ao povo

e contribuiu não pouco para aproximá-lo de muita gente. Nas montanhas, nas choupanas dos camponeses, como em sua própria casa, sabia dizer as coisas mais belas do modo mais compreensível. Falando todas as línguas, era bem acolhido por todas as almas.

Além do mais, era sempre o mesmo, tanto para a nobreza como para as pessoas do povo.

Não condenava nada apressadamente ou sem levar em conta as circunstâncias. Era comum ouvi-lo dizer: – Vejamos o caminho por onde passou essa falta.

Sendo, como graciosamente se chamava, um *ex-pecador*, nada tinha das agruras do rigorismo, professando claramente e sem carregar os sobrolhos, como fazem os puritanos intransigentes, uma doutrina que se poderia resumir mais ou menos assim:

> *O homem tem sobre si a carne, que é ao mesmo tempo fardo e tentação. Ele a carrega e a ela se submete.*
>
> *Deve vigiá-la, contê-la, reprimi-la e não ceder senão em último caso. Nesses casos, se houver pecado, será venial. As pequenas faltas são quedas sobre os joelhos: podem transformar-se em oração.*
>
> *Ser santo é exceção; ser justo é regra. Errem, desfaleçam, pequem, mas sejam justos.*
>
> *Pecar o menos possível é a lei dos homens. Não pecar nunca é sonho de anjos. Tudo o que é da terra está sujeito ao pecado. O pecado é uma gravitação.*

Quando via todos gritando, mal-humorados, dizia sorrindo:

– Parece-me que se trata de um grande crime de que todos são culpados; vejam como as hipocrisias assustadas se apressam em se acobertar.

Era indulgente com as mulheres e com os pobres, sobre os quais recai o peso da sociedade humana. São suas palavras:

– As faltas das mulheres, das crianças, dos criados, dos fracos, dos pobres e ignorantes, são faltas dos maridos, dos pais, dos professores, dos fortes, dos ricos e dos sábios.

Dizia ainda: – Ensinem o mais possível aos que nada sabem; a sociedade é culpada de não instruir gratuitamente e responderá pela escuridão que provoca. Uma alma na sombra da ignorância comete um pecado? A culpa não é de quem o faz, mas de quem provocou a sombra.

Como se vê, ele tinha um modo diferente e próprio de julgar as coisas. Suponho que aprendeu no Evangelho.

Certa vez, numa reunião, ouviu dizer que se fazia a instrução de um processo criminal já próximo do julgamento. Um pobre homem, falto de recursos, por amor de uma mulher e de uma criança, cunhou moedas falsas. Nessa época, tal crime era punido com a morte. A mulher foi detida quando gastava a primeira moeda. Prenderam-na como a única culpada. Somente ela poderia delatar seu amante e condená-lo. Apesar da insistência, continuou obstinadamente a negar que ele tivesse qualquer participação no caso. O Procurador do Rei teve, então, uma ideia. Inventou uma infidelidade do amante e chegou mesmo, com trechos de cartas jeitosamente apresentadas, a persuadir a coitada da existência de uma rival com quem tal homem a enganava. Então, louca de ciúme, ela denunciou o amante, confessando e provando o crime. O homem estava perdido. Naqueles dias em Aix, ele seria julgado com sua cúmplice. Contava-se o acontecido e todos se admiravam da habilidade do Magistrado. Pondo em jogo o ciúme, pelo ódio fizera brilhar a verdade; fizera surgir da vingança a justiça. O Bispo ouviu tudo em silêncio. Quando terminaram, perguntou:

– Onde vão ser julgados esses dois?

– No fórum.

– E onde vai ser julgado o Procurador do Rei?

Ocorreu em Digne um caso doloroso. Um homem foi condenado à morte por assassínio. Era um coitado, nem de todo culto, nem de todo ignorante: já havia sido saltimbanco de feira e Escrivão Público. O processo deu o que falar na cidade. Na véspera da execução do condenado, o Capelão da prisão caiu doente. Era preciso um padre que o assistisse nos últimos instantes. Procuraram, então, o Vigário. Parece que este recusou dizendo:

– Isso não me compete; nada tenho a ver com esse saltimbanco. Também estou doente; além de tudo, aquele não é lugar para mim.

Relataram ao Bispo o sucedido, e este se limitou a dizer:

– *O Vigário tem razão*: *aquele não é lugar para ele*: *é para mim*.

Imediatamente dirigiu-se à prisão, desceu à cela do "saltimbanco", chamou-o pelo nome, tomou-lhe as mãos e falou-lhe. Passou todo o dia ao seu lado, esquecendo-se da comida e do sono, pedindo a Deus pela alma do condenado, e ao condenado por sua própria alma. Ensinou-lhe as grandes verdades, que são justamente as mais simples. Tornou-se pai, irmão e

amigo; Bispo, só para abençoar. Instruiu-o, confortando-o e consolando. A morte era para ele um abismo. De pé, tremendo à entrada desse umbral terrível, recuava horrorizado. Não era bastante ignorante para ficar completamente indiferente. Sua condenação, como um profundo abalo, de algum modo abriu, ao seu redor, algumas frestas no véu que nos oculta o mistério das coisas e que nós chamamos vida. Olhando sem parar ao redor desse mundo por essas fendas fatais, só via trevas. O Bispo fê-lo perceber uma luz.

No dia seguinte, quando vieram buscar o infeliz, o Bispo lá estava. Seguiu-o, e mostrou-se aos olhos da multidão com sua murça roxa e a cruz episcopal, caminhando ao lado do condenado.

Subiu com ele à carroça e ao patíbulo. O coitado, antes tão triste e acabrunhado, estava radiante. Sentia sua alma reconciliada e esperava em Deus. O Bispo o abraçou e, no momento em que ia cair o cutelo, falou-lhe assim:

– O que o homem mata, Deus ressuscita; aquele que é expulso pelos irmãos, reencontra o Pai. Reze, creia e entre na vida eterna: lá está o Pai.

Quando desceu do cadafalso, tinha em seu olhar qualquer coisa que fez recuar o povo. Não se sabia o que mais admirar, se sua palidez ou sua serenidade. Entrando em sua humilde casa, que ele chamava, sorrindo, de *palácio*, disse à irmã:

– *Acabo de oficiar pontificalmente*.

Como as coisas mais sublimes são, muitas vezes, as menos compreendidas, houve gente na cidade que dizia, comentando a conduta do Bispo: “Simples afetação”. Mas esse foi o comentário dos salões. O povo, que não vê malícia nas coisas santas, enterneceu-se admirado.

Quanto ao Bispo, ver a guilhotina foi um choque do qual levou muito tempo para se restabelecer.

Com efeito, o patíbulo, quando está levantado, é algo que alucina. Pode-se considerar com certa indiferença a pena de morte, não aprová-la nem condená-la, enquanto não se tiver visto, com os próprios olhos, uma guilhotina; mas, vendo-se uma, o choque é violento e é preciso decidir-se ou a favor ou contra. Uns a admiram, como De Maistre; outros a detestam, como Beccaria.[8] A guilhotina é a síntese de toda a lei; seu nome é *vingança*; não é absolutamente neutra, e não permite que se continue neutro. Quem a vê se amedronta com o mais misterioso dos medos. Todas

as questões sociais levantam pontos de interrogação ao redor desse cutelo. O patíbulo é visão. O patíbulo não é simples armação de madeira, não é máquina: o patíbulo não é engenho inanimado feito de madeira, ferro e cordas. Parece um ser que possui não sei que iniciativa sombria; dir-se-ia que essa armação vê, que essa máquina entende, que esse mecanismo compreende, que essa madeira, esses ferros, essas cordas têm vontade própria. No pesadelo amedrontador em que lança a alma, o cadafalso se mostra terrível, confundindo-se com sua tarefa. O patíbulo é o cúmplice do carrasco; devora, alimenta-se de carne, sacia-se com sangue. É uma espécie de monstro fabricado pelo juiz e pelo carpinteiro, um espectro que parece viver uma vida feita de todas as mortes que ocasiona.

A impressão, portanto, foi terrível e profunda; no dia seguinte à execução, e muitos dias mais tarde, o Bispo parecia acabrunhado. A serenidade quase violenta do instante fúnebre desaparecera; o fantasma da justiça social o obcecava. Ele que, ordinariamente, voltava de todas as suas ações com uma satisfação tão radiante, parecia que censurava a si mesmo. Por momentos falava sozinho, murmurando a meia-voz monólogos lúgubres. Aqui está um que sua irmã escutou uma noite e anotou:

– Eu não pensava que aquilo fosse tão monstruoso. É um erro concentrar-se a gente na lei divina a ponto de não perceber mais a lei humana. A morte pertence somente a Deus. Com que direito os homens ousam tocar coisa tão desconhecida?

Com o tempo, essas impressões se atenuaram e, provavelmente, desapareceram. Notaram, então, que o Bispo evitava passar pela praça das execuções.

Podia-se chamar o Sr. Myriel a qualquer hora à cabeceira dos doentes e moribundos. Ele não ignorava que esse era o seu principal dever e o seu maior trabalho. As famílias cujo pai ou mãe já haviam falecido não tinham necessidade de chamá-lo: ele ia espontaneamente. Sabia sentar-se calado, horas e horas, ao lado do homem que havia perdido a mulher que amava, ao lado da mãe cujo filho morrera. Como sabia em que horas devia calar, sabia igualmente quando devia falar. Que admirável consolador! Não procurava destruir a dor pelo esquecimento, mas engrandecê-la e dignificá-la pela esperança. Costumava dizer:

– Prestem atenção no modo de olhar para os mortos. Não pensem no que se corrompe. Concentrem-se e hão de ver no céu a luz viva do morto

pranteado.

Ele sabia que crer é bom. Procurava aconselhar e acalmar o homem desesperado apontando-lhe o homem resignado; sabia transformar a dor que contempla uma tumba na dor que contempla uma estrela.

V | DE COMO DOM BIENVENU FAZIA PARA POUPAR SUAS BATINAS

A vida íntima do Sr. Myriel estava cheia dos mesmos pensamentos de sua vida pública. Para quem pudesse observá-la de perto, que espetáculo nobre e encantador seria a pobreza voluntária em que vivia o Bispo de Digne. Dormia pouco, como todas as pessoas idosas e a maioria dos pensadores. Era um sono rápido e profundo. De manhã, depois de uma hora de recolhimento, rezava a missa, ou em sua casa, ou na catedral. Feito isso, tomava o desjejum, que consistia em pão de centeio embebido em leite tirado das próprias vacas de sua propriedade. Depois, punha-se a trabalhar.

Um bispo é um homem muito ocupado: deve receber todos os dias o secretário da diocese, que ordinariamente é um cônego, e quase todos os dias seus vigários-gerais. Há congregações para dirigir, privilégios a conceder, quase uma biblioteca de livros eclesiásticos para examinar: livros paroquiais, catecismos diocesanos, breviários etc. É preciso expedir ordens, autorizar prédicas, conciliar párocos e *maires*, pôr em dia a correspondência eclesiástica e administrativa; de um lado o Estado, de outro a Santa Sé, mil assuntos enfim.

As horas que esses problemas, deveres e o breviário lhe deixavam livres, empregava-as em assistir aos necessitados, doentes e aflitos; o tempo que os aflitos, necessitados e doentes não lhe tomavam, empregava-o no trabalho. Ora revolvia a terra do jardim, ora lia, ora escrevia. Com uma única palavra, denominava as duas ocupações: tudo para ele era *jardinar*. – O espírito é um jardim – costumava dizer.

Pelo meio-dia, quando o tempo estava bom, andava a pé pelos campos ou na cidade, entrando, muitas vezes, nos pobres casebres. Viam-no caminhar sozinho, todo entregue a seus pensamentos, olhos baixos, apoiado em sua longa bengala, agasalhado em sua capa violeta, calçando sapatos rústicos e meias roxas, com seu chapéu comum de três pontas donde caíam três franjas com borlas cor de ouro.

Onde ele aparecia era uma festa. Diziam até que sua passagem tinha algo de reanimador, de luminoso. Velhos e crianças saíam às portas como para tomar sol. Abençoava e era abençoado. Davam o seu endereço a todas as pessoas necessitadas.

Parava aqui e ali, falava aos meninos, às meninas e sorria para as mães. Enquanto tinha dinheiro, visitava os pobres; quando o dinheiro acabava, visitava os ricos.

Como fazia que as batinas durassem o mais possível, e não querendo que o percebessem, nunca ia à cidade sem a capa roxa, o que, durante o verão, era um tanto penoso.

Reentrando em casa, jantava. O jantar era semelhante ao desjejum.

À noite, às oito e meia, ceava com a irmã, enquanto Mme. Magloire, de pé, os servia à mesa. Nada mais frugal que essa refeição. Se o Bispo tinha algum vigário para o jantar, Magloire aproveitava para servir-lhe um excelente peixe dos lagos ou alguma caça da montanha. Todo vigário que aparecia era pretexto para melhorar a refeição; o Bispo não se incomodava. Fora isso, alimentava-se de legumes cozidos e sopa. Por isso diziam na cidade: – *Quando o Bispo não come como um vigário, come como um trapista*.

Terminado o jantar, conversava uma meia hora com a Srta. Baptistine e Mme. Magloire; ia depois para o seu quarto e continuava a escrever em folhas soltas, ou nas margens de algum in-fólio. Era bastante culto e sábio, deixando cinco ou seis manuscritos muito curiosos; entre outros, uma dissertação sobre este versículo do Gênesis: *No princípio, o espírito de Deus pairava sobre as águas*. Ele faz uma comparação desse versículo com três outros: um verso árabe que diz: *Sopravam os ventos de Deus*; Flávio Josefo, que escreve: *Caiu sobre a terra um vento do alto*, e, enfim, a paráfrase caldaica de Onkelos, que traz: *Um vento, vindo de Deus, soprava sobre as águas*.[9] Em outra dissertação, examinava as obras teológicas de Hugo, Bispo de Ptolemaida, tio-avô de quem escreve este livro, estabelecendo que se devia atribuir a esse Bispo os diversos opúsculos publicados, no século passado, sob o pseudônimo de Barleycourt.[10]

Às vezes, durante uma leitura, fosse qual fosse o livro que tivesse em mãos, caía de repente em profunda meditação, da qual não saía senão para escrever algumas linhas nas próprias páginas do volume. Às vezes, o que escrevia não tinha nenhuma ligação com o que estava lendo. Temos sob os

olhos uma anotação escrita por ele numa das margens de um in-quarto intitulado: *Correspondência de Lord Germain com os Generais Clinton, Cornwallis e os almirantes do cruzeiro à América – Em Versailles, Livraria Poinçot, e em Paris, Livraria Pissot, Quai des Augustins*.

Eis a nota:

> *Ó Vós que sois!*
> *O Eclesiástico vos chama de Onipotência; os Macabeus, de Criador; a Epístola aos Efésios, de Liberdade; Baruc, de Imensidade; os Salmos, de Sabedoria e Verdade; João, de Luz; os Reis vos chamam de Senhor; o Êxodo, de Providência; o Levítico, de Santidade; Esdras, de Justiça; a criação vos chama de Deus; o homem, de Pai; mas Salomão diz que sois Misericórdia, e é este o mais belo de todos os vossos nomes.*

Às nove horas da noite, as duas senhoras se retiravam, subiam para seus quartos no andar superior, deixando-o só até a manhã.

É preciso dar aqui uma ideia exata dos aposentos do Bispo de Digne.

VI | POR QUEM ERA GUARDADA A SUA CASA

Sua casa, como dissemos, era assobradada: três cômodos ao rés do chão, três quartos no andar superior e, por último, o sótão. Atrás da casa, havia um pequeno jardim. As duas senhoras habitavam a parte superior e o Bispo o andar térreo. A primeira sala, que abria para a rua, servia de sala de jantar; a segunda, de quarto, e a última, de capela. Não se podia sair da capela sem passar pelo quarto de dormir, nem sair deste sem passar pela sala de jantar. Atrás, na capela, havia uma alcova fechada, para servir aos hóspedes. O Bispo a oferecia aos párocos das aldeias quando iam a Digne por questões ou necessidades de suas paróquias.

A farmácia do hospital, pequeno compartimento ligado à casa, construído no jardim, foi transformada em cozinha e celeiro.

Havia ainda no quintal uma estrebaria, a antiga cozinha do hospital, onde o Bispo criava duas vacas. Fosse qual fosse a quantidade de leite que elas produzissem, todas as manhãs, mandava sempre a metade para os doentes do hospital.

– *Pago os meus dízimos* – dizia.

Seu quarto era bastante grande e difícil de aquecer durante o inverno. Como em Digne a lenha é muito cara, mandou fazer na estrebaria um compartimento fechado com tábuas. Aí costumava passar as tardes, quando fazia muito frio. Chamava àquilo de seu *salão de inverno*.

A mobília, como na sala de jantar, era uma simples mesa quadrada, feita de pinho, e quatro cadeiras com assento de palha. Na sala de jantar havia, além disso, um velho bufê cor-de-rosa. De um móvel semelhante, convenientemente disfarçado com toalhas brancas e rendas ordinárias, o Bispo fez um altar para a sua capela.

Suas penitentes mais ricas e as piedosas mulheres de Digne haviam-se cotizado muitas vezes para comprar-lhe um altar novo; todas as vezes ele aceitou o dinheiro, mas deu-o aos pobres. – O mais belo altar – dizia – é a alma de um infeliz que agradece a Deus um benefício.

Tinha na capela duas cadeiras-genuflexório com assentos de palha e uma cadeira de braços, também de palha, em seu quarto de dormir. Quando, por acaso, recebia sete ou oito pessoas de uma só vez, o Prefeito, o General ou o Estado-Maior do Regimento da Guarnição, ou alguns alunos do seminário menor, era-se obrigado a buscar no estábulo as cadeiras do *salão de inverno*, os genuflexórios da capela e a cadeira de braços do quarto de dormir; desse modo conseguiam-se onze cadeiras para as visitas. A cada nova visita era preciso desmobiliar um cômodo.

Às vezes, acontecia serem doze as visitas; o Bispo, então, dissimulava o embaraço da situação ficando de pé diante da lareira, no inverno, ou passeando no jardim, no verão.

Havia ainda, no quarto dos hóspedes, uma cadeira, mas a palha do assento estava estragada e tinha somente três pés, o que fazia que só pudesse servir à parede. A Srta. Baptistine tinha também em seu quarto uma poltrona estofada, cuja douração quase não existia mais; mas quando a levaram ao andar superior foi preciso fazê-la entrar pela janela, porque a escada era muito estreita; portanto, não se podia contar com ela em caso de necessidade.

A ambição da Srta. Baptistine era comprar uma mobília de sala, de acaju, forrada de veludo de Utrecht, e um canapé. Mas custaria no mínimo quinhentos francos, e vendo que, em cinco anos, não havia economizado para esse fim mais que quarenta e dois francos e dez soldos, acabou desistindo. Aliás, quem, realmente, consegue alcançar seu ideal?

Nada de mais simples para se imaginar que o quarto de dormir do Senhor Bispo. Uma porta envidraçada dando para o jardim; bem em frente, a cama, uma cama de ferro do hospital com baldaquim de sarja verde; ao lado do leito, atrás de uma cortina, os objetos de toalete, traindo ainda os antigos hábitos elegantes de homem do mundo; duas portas, uma perto da lareira, dando para a capela; a outra ao lado da estante de livros, dando para a sala de jantar. Toda a sua biblioteca consistia num grande armário, com portas de vidro, cheio dos mais variados volumes. A parte exterior da lareira, quase sempre apagada, era de madeira pintada à imitação de mármore; os suportes de ferro, onde se colocava a lenha, eram ornados por dois vasos muito antigos, toscamente prateados, com relevos de guirlandas e caneluras, o que, de certo modo, era um luxo episcopal; acima da chaminé, na parede, um crucifixo de cobre prateado fixado sobre veludo preto muito gasto, numa velha moldura de madeira prateada. Perto da porta envidraçada, uma grande mesa; sobre esta, um tinteiro, muitos papéis em desordem, e grandes volumes amontoados. Diante da mesa, a cadeira com assento de palha. Ao lado da cama, um genuflexório, tirado da capela.

Dois retratos em molduras ovais estavam pendurados na parede, dos dois lados da cama. Pequenas inscrições douradas sobre o fundo neutro das telas, ao lado das figuras, indicavam que os retratos representavam um, o Padre Chaliot, Bispo de Saint-Claude; o outro, o Padre Tourteau, Vigário-Geral de Agde, Abade do mosteiro de Grand-Champ, da Ordem de Cister, na diocese de Chartres. Ocupando o quarto depois dos doentes do hospital, encontrou lá esses retratos e os deixou ficar. Eram sacerdotes e, provavelmente, benfeitores, dois motivos para respeitá-los. Tudo o que sabia desses dois personagens era que tinham sido nomeados pelo Rei, um, para o bispado, outro, para seu benefício, no mesmo dia, 27 de abril de 1785. Um dia, Mme. Magloire tirou os quadros da parede, para limpá-los da poeira, e o Bispo encontrou essas particularidades escritas em papel amarelecido pelo tempo, colado por detrás do retrato do Abade de Grand-Champ.

Na janela havia uma velha cortina de lã grosseira, tão velha que Mme. Magloire, para não comprar outra, foi obrigada a fazer uma costura de alto a baixo. A costura formava uma cruz, e Dom Bienvenu indicava-a muitas vezes, dizendo:

– Como isso fica bem!

Todos os cômodos da casa, tanto os do andar térreo como os do andar superior, sem exceção, eram pintados de branco, como é de uso nas

casernas e nos hospitais.

Por isso, nos últimos anos, Mme. Magloire encontrou, como veremos mais adiante, sob o papel colado à parede, as pinturas que ornavam o quarto da Srta. Baptistine. Antes de ser hospital, fora a casa o ponto de reunião onde se discutiam os problemas do município. Essa a razão de tais pinturas. O pavimento dos quartos era de ladrilhos vermelhos, lavados todas as semanas, e ao pé de cada leito havia esteiras de fibras vegetais. Enfim, esse cômodo, onde habitavam as duas senhoras, era de alto a baixo de uma limpeza impecável, único luxo que o Bispo permitia: – *Limpeza não prejudica os pobres*.

É preciso notar, entretanto, que ainda lhe restavam, de tudo o que possuíra outrora, seis talheres de prata e uma concha para sopa, que Mme. Magloire todos os dias via, com prazer, reluzindo esplendidamente sobre a toalha branca da mesa. E como pintamos aqui o Bispo de Digne como realmente era, devemos acrescentar que disse, mais de uma vez:

– Dificilmente eu me acostumaria a comer sem talheres de prata.

É preciso acrescentar aos talheres dois castiçais de prata maciça, herança que lhe coube de uma tia-avó. Esses castiçais, com duas velas de cera, habitualmente estavam colocados em cima da lareira de seu quarto.

Quando havia alguém para jantar, Mme. Magloire acendia as velas e punha os castiçais à mesa.

No próprio quarto do Bispo, à cabeceira da cama, havia um pequeno armário, no qual a criada, todas as noites, guardava os seis talheres e a concha. É preciso notar que ela nunca tirava a chave da fechadura.

O jardim, um tanto danificado pelas construções muito malfeitas de que falamos, tinha quatro caminhos em cruz, partindo de um desaguadouro; uma calçada rodeava todo o jardim, ao pé do muro branco que o fechava. Entre os caminhos havia quatro canteiros rodeados de buxo. Em três deles, Mme. Magloire cultivava hortaliças; no último, o Bispo havia plantado flores; aqui e ali, havia árvores frutíferas. Uma vez, Mme. Magloire lhe disse, com certa malícia:

– Excelência, o senhor, que costuma tirar proveito de tudo, olhe aqui um canteiro inútil. Seria mais proveitoso plantar saladas que cultivar flores.

– Mme. Magloire – respondeu o Bispo –, a senhora está muito enganada. O que é belo é tão útil como o que é simplesmente útil. – E acrescentou depois de uma pausa: – Talvez até mais.

Esse canteiro, dividido em três ou quatro partes, ocupava o Senhor Bispo quase tanto como seus livros. Ele passava, com muito gosto, uma hora ou duas podando, limpando, revolvendo a terra aqui e ali para lançar novas sementes. Nem era tão inimigo dos insetos como seria preciso a um bom jardineiro. Apesar de tudo, não tinha pretensões a botânico. Nada sabia sobre famílias ou solidismos.[11] Não procurava absolutamente decidir-se entre Tournefort e o método natural; não tomava partido nem pelos utrículos contra os cotilédones, nem por Jussieu contra Linné.[12] Não estudava as plantas; simplesmente gostava das flores. Respeitava muito os sábios, e mais ainda os ignorantes, e sem nunca desrespeitar nem estes nem aqueles, todas as tardes, durante o verão, com um regador de latão pintado de verde, regava suas plantas.

A casa não tinha uma única porta fechada a chave. A porta da sala de jantar que, como dissemos, abria diretamente para a praça da catedral, tivera outrora fechaduras e ferrolhos como porta de prisão. O Bispo mandou arrancá-los todos e, tanto de dia como de noite, fechava-a com uma simples taramela. O primeiro que quisesse entrar, a qualquer hora do dia ou da noite, era só abrir. Nos primeiros tempos, as duas senhoras tiveram bastante medo; mas o Bispo lhes havia dito:

– Se quiserem, e se isso lhes agradar, ponham ferrolhos no quarto de vocês.

Mas acabaram por participar de sua confiança, ou fingiam participar. Somente Mme. Magloire, de vez em quando, sentia certos arrepios. Quanto ao Bispo, poderemos compreender seu modo de pensar explicado ou, ao menos, indicado nestas três linhas escritas por ele à margem de uma página da Bíblia: “Eis a diferença: a porta do médico nunca deve estar fechada; a porta do padre deve estar sempre aberta”.

Num outro livro, *Filosofia da ciência médica*, fez outra nota: “Por acaso, não sou também médico como eles? Também tenho meus doentes; primeiro os deles, que eles chamam de doentes, e depois os meus, que chamo de infelizes”.

Noutro lugar escreveu: “Não perguntem o nome a quem pede pousada. Justamente aqueles cujo nome embaraça é que têm necessidade de abrigo”.

Aconteceu que um digno Pároco, não sei mais se de Couloubroux ou de Pompierry, ousou perguntar-lhe, provavelmente por instigação de Mme. Magloire, se o Bispo tinha certeza de não estar cometendo uma

imprudência, deixando, dia e noite, a porta aberta à disposição de quem quisesse entrar, e se não receava que acontecesse alguma desgraça em uma casa tão pouco vigiada. O Bispo bateu-lhe nos ombros e, com serena gravidade, lhe disse: – *Nisi Dominus custodierit domum, in vanum vigilant qui custodiunt eam*.[13]

Depois mudou de assunto. Dizia sempre: – Existe a bravura sacerdotal como existe a bravura do coronel de dragões. A diferença – acrescentava – é que a nossa deve ser tranquila.

VII | CRAVATTE

Este é o lugar mais indicado para narrar um fato que não devemos omitir, porque ajudará muito para compreendermos a personalidade do Bispo de Digne.

Após a destruição do bando de Gaspar Bés, que havia infestado as gargantas de Ollioules,[14] um de seus lugares-tenentes, Cravatte, refugiou-se nas montanhas. Escondeu-se por algum tempo com os malfeitores que sobreviveram à quadrilha de Gaspar Bés, no condado de Nice; chegou depois ao Piemonte e, de repente, reapareceu na França, dos lados de Barcelonnette. Primeiro foi visto em Jauziers, depois em Tuiles. Escondeu-se nas cavernas de Joug-de-l'Aigle, e de lá descia até as aldeias e vilas pelas barrancas do Ubaye e do Ubayette.

Chegou mesmo até Embrun, entrando uma noite na catedral e levando tudo o que encontrou na sacristia. Seus assaltos amedrontavam toda a região. Puseram soldados em seu encalço, mas em vão. Ele escapava sempre. Às vezes resistia à viva força. Era um miserável de extraordinária intrepidez. Justamente quando todos temiam seus assaltos chegou o Bispo. Fazia, então, uma visita pastoral a Chastelar. O *Maire* foi a seu encontro e aconselhou-o a desistir de continuar. Cravatte ocupava a montanha até além de Arche; haveria perigo mesmo se fosse acompanhado de escolta. E isso seria expor inutilmente a vida de três ou quatro pobres gendarmes.

– Justamente essa é a razão por que ir sem escolta.

– Mas, Excelência, já pensou no que tenciona fazer? – exclamou o *Maire*.

– Estou decidido, e recuso em absoluto os gendarmes; partirei dentro de uma hora.

– Mas vai mesmo?

– Vou.

– Sozinho?

– Sozinho.

– Excelência! Não fará uma coisa dessas!

– Lá, no alto da montanha – prosseguiu o Bispo –, há uma humilde freguesia, mais ou menos como esta, que já não vejo há três anos. São bons amigos meus, gentis e honestos pastores. Possuem uma cabra de cada trinta que guardam. Fabricam cordões de lã, muito bonitos, coloridos, e tocam canções montanhesas em pequenas flautas de seis buracos. Eles precisam que eu lhes fale, de vez em quando, do bom Deus. Que diriam de um bispo que tem medo? Que diriam se eu não fosse?

– Mas, Excelência, e os salteadores?

– Olhe – disse o Bispo –, já pensei nisso. O senhor tem razão. Pode acontecer que eu os encontre. Também eles devem precisar que lhes falem um pouco de Deus.

– Excelência, mas é uma quadrilha, uma alcateia de lobos famintos!

– Senhor *Maire*, talvez seja dessa alcateia que Jesus me fez pastor. Quem sabe quais são os caminhos da Providência?

– Excelência, eles o roubarão!

– Mas eu não tenho nada.

– Eles o matarão.

– Matar um pobre padre que passa resmungando bobagens? Ora! para que isso?

– Meu Deus! E se acontece encontrá-los pelo caminho!

– Pedir-lhes-ei esmola para meus pobres.

– Excelência, não vá. Pelo amor de Deus! Está expondo a vida!

– Só por isso, Senhor *Maire*? Não estou no mundo para conservar a minha vida, mas para guardar almas.

Não houve outro jeito senão deixá-lo partir. Acompanhava-o somente um menino que se ofereceu para guia. Sua obstinação foi muito comentada em toda a região, pondo todos amedrontados.

Não quis que o acompanhassem nem sua irmã, nem Mme. Magloire. Atravessou em sua mula a montanha, não encontrou ninguém, chegando são e salvo entre “seus amigos” pastores. Permaneceu ali quinze dias pregando, ensinando, administrando, moralizando. Quando estava para

partir, resolveu cantar pontificalmente um *Te Deum*. Falou então com o Vigário. Mas, como fazer? E as vestes episcopais? Não tinham mais que uma minúscula sacristia de aldeia com algumas casulas de damasco com galões baratos, muito velhas e usadas.

– Ora! – disse o Bispo. – Senhor Vigário, avise na hora do sermão que hoje haverá *Te Deum*. O resto se arranjará depois.

Procuraram pelas igrejas vizinhas, mas as pompas dessas pobres paróquias reunidas não chegariam para vestir convenientemente um chantre de catedral.

Justamente quando não sabiam mais o que fazer, dois homens desconhecidos, que logo se foram, deixaram, endereçada ao Bispo, na casa paroquial, uma grande arca. Abriram-na e acharam no seu interior uma capa tecida de fios de ouro, uma mitra ornada de diamantes, uma cruz episcopal, um magnífico báculo, enfim, todas as vestes pontificais roubadas, no mês anterior, à catedral de Nossa Senhora de Embrun. Num papel estavam escritas estas palavras: *Cravatte a D. Bienvenu*.

– Não dizia eu que tudo se arranjaria? – disse o Bispo. E acrescentou sorrindo: – Deus mandou um pluvial de arcebispo a quem se contentaria com uma sobrepeliz de vigário.

– Excelência – disse sorrindo o Pároco, meneando a cabeça –, Deus, ou o diabo.

O Bispo olhou fixamente para o Vigário e disse com autoridade: – Deus!

Na sua volta a Chastelar, durante todo o trajeto, a gente curiosa ia vê-lo passar. Na casa paroquial de Chastelar, encontrou a Srta. Baptistine e Mme. Magloire, que o esperavam, e ele disse à irmã:

– Eu tinha ou não razão? Um pobre padre vai visitar seus pobres montanheses de mãos vazias e volta carregado de presentes. Parti levando, unicamente, a minha confiança em Deus, e voltei trazendo todo o tesouro de uma catedral.

À noite, antes de se deitar, disse ainda:

– Nunca devemos ter medo de ladrões ou assassinos. São perigos externos e os menores que existem. Temamos a nós mesmos. Os preconceitos é que são os ladrões; os vícios é que são os assassinos. Os grandes perigos estão dentro de nós. Que importância tem aquele que ameaça a nossa vida ou a nossa fortuna? Preocupemo-nos com o que põe em perigo a nossa alma.

Depois, voltando-se para a irmã:

– Irmã, da parte do Padre não deve existir precaução alguma contra o próximo. O que o próximo faz é permitido por Deus. Quando pressentimos que algum mal nos vai acontecer, limitemo-nos a rezar. Rezemos, não por nós, mas para que o nosso irmão não venha a pecar por nossa causa.

Na verdade, tais fatos foram raros em sua vida. Contamos o que sabíamos; mas, comumente, ele passava o tempo a repetir sempre as mesmas coisas, sempre às mesmas horas. Em sua vida, um mês e uma hora não tinham diferença alguma.

Quanto ao que aconteceu ao "tesouro" da catedral de Embrun, ver-nos-íamos embaraçados se nos perguntassem sobre isso. Havia lá coisas belíssimas, tentadoras, ótimas para serem roubadas em benefício dos pobres. Aliás, já tinham sido roubadas uma vez. Metade da aventura já estava feita; era só desviá-la um pouquinho em direção aos pobres. Nada afirmamos a esse respeito. Diremos somente que encontraram entre os papéis do Bispo uma nota de difícil explicação que, talvez, se refira a esse caso: "*O difícil é saber se isto deve voltar à catedral ou ao hospital*".

VIII | FILOSOFIA DE SOBREMESA

Certo senador conhecido, homem muito hábil, fizera carreira com um rigor desatento a tudo o que lhe pudesse servir de obstáculo, o que se costuma chamar de consciência, fé jurada, justiça, dever. Foi sempre em direção ao seu fim, sem hesitar uma única vez no caminho do seu progresso e interesse. Antigo procurador, de grande experiência, não era de todo mau, fazendo a seus filhos, genros, parentes ou simples amigos todos os favores que podia, aproveitando-se sabiamente do lado bom da vida, das boas oportunidades, das gordas recompensas. O resto parecia-lhe bobagem. Era espirituoso e suficientemente instruído para se considerar discípulo de Epicuro, não sendo, talvez, mais que um produto de Pigault-Lebrun.[15] Ria-se com gosto e prazer das verdades infinitas e eternas, e dos "contos da carochinha do pobre Bispo". Às vezes ria, com a mais amável autoridade, na própria presença do Sr. Myriel.

Não sei mais em que cerimônia semioficial, o Conde de *** (o Senador de que falamos) e o Sr. Myriel tiveram que jantar na casa do Prefeito. À

sobremesa, o Senador, um tanto alegre, embora sem perder a dignidade, exclamou:

– Ora, Excelência, vamos conversar um pouco. Dificilmente um senador e um bispo se encaram sem piscar os olhos. Somos dois áugures. Vou fazer-lhe uma confissão: eu tenho uma filosofia particular.

– Tem razão – respondeu o Bispo. – Cada um dorme de acordo com a própria filosofia. O senhor, por exemplo, deita-se em um leito forrado de púrpura.

O Senador, animado pela resposta, retrucou:

– Sejamos bons rapazes.

– Ou bons diabos – disse o Bispo.

– Eu lhe declaro – continuou o Senador – que o Marquês de Argens, Pirro, Hobbes e Naigeon não são tratantes.[16] Na minha biblioteca tenho todos os meus filósofos em livros ricamente encadernados.

– Exatamente como o Senhor Conde – interrompeu o Bispo. O Senador prosseguiu:

– Tenho Diderot, idealista, declamador, revolucionário, mas, no fundo, um crente, mais beato ainda que Voltaire. Voltaire riu-se de Needham, e nisso errou, porque as enguias de Nedham provam que Deus é inútil.[17] Uma gota de vinagre numa colherada de massa de farinha substitui o *fiat lux*. Suponha uma gota maior e uma colher maior ainda, e teremos o mundo. O homem é a enguia. E agora, para que serve o Padre Eterno? Senhor Bispo, a hipótese da existência de Jeová me fatiga. Só serve mesmo para produzir subnutridos que sonham com quimeras. Abaixo esse Todo que me atormenta! Viva o Zero que me deixa em paz! Aqui entre nós, para esvaziar minha alma e me confessar ao meu pastor, como é meu dever, eu lhe asseguro que tenho muito bom-senso. Não sou nada louco por esse Jesus que, a cada passo, vive pregando renúncia e sacrifício. Isso é conselho de avarento a mendigos. Por que renúncia? Por que sacrifício? Não posso crer que um lobo possa imolar-se por outro lobo. Fiquemos com a natureza. Nós estamos no ápice; temos a maior de todas as filosofias. Para que serve estar tão alto se não vemos nada além da ponta do nariz do nosso próximo? Vivamos alegremente. A vida é tudo. Que o homem tenha outra vida em outro lugar, no alto, embaixo, em qualquer parte, não creio que seja má doutrina. Ah! recomendam-me sacrifício e renúncia; dizem que devo cuidar de tudo o que faço, quebrar a cabeça, considerando o que é bom, o que é

mau, o que é justo, o que é injusto, pensando em fás e nefas. Por quê? Porque devo dar contas de minhas ações. Quando? Depois de minha morte. Que sonho formidável! Muito esperto será quem beliscar o meu cadáver. É o mesmo que agarrar um punhado de cinzas com uma mão de sombra. Vamos dizer a verdade, nós que já somos iniciados e já levantamos a túnica de Ísis: não existe nem bem nem mal; o que existe é vegetação. Vamos procurar o que é real. Penetremos no fundo da questão. Que diabo! É preciso farejar a verdade, esgaravatar a terra e encontrá-la. Então ela lhe dá preciosas alegrias. Torna-o forte e superior. Eu tenho bases sólidas. Senhor Bispo, a imortalidade do homem é promessa ilusória. E que linda promessa! Fie-se nela. Belo destino tem Adão! Somos almas, seremos anjos; teremos asas azuis nas omoplatas. Ajude-me então: não foi Tertuliano[18] quem disse que os bem-aventurados voarão de um astro a outro? Seja. Seremos os gafanhotos das estrelas. Além disso, veremos a Deus. Ora bolas! Esses paraísos não passam de invenções. Deus é uma asneira monstruosa.

É claro que não vou escrever isso no *Moniteur*;[19] digo-o aqui, entre amigos, *inter pocula*.[20] Sacrificar a terra ao paraíso é deixar a presa por uma sombra. Ser logrado pelo infinito! Nunca eu seria tão burro. Eu sou nada. Meu nome é Sua Alteza, o Conde de Nada, Senador. Por acaso eu já existia antes de nascer? Não. Continuarei a existir depois da morte? Não. Que coisa sou então? Um pouco de pó incorporado num organismo qualquer. Qual a minha missão nesta terra? É minha a escolha: ou sofrer ou gozar. Para onde me conduzirá o sofrimento? Ao nada; e, no entanto, sofri. Aonde me levará o prazer? Ao nada; e, no entanto, gozei. Minha escolha está feita. É preciso ou comer ou ser comido. Prefiro comer. É melhor ser dente que erva. Essa é a minha sabedoria. Depois é como eu digo, lá está o coveiro, o nosso panteão, e tudo some numa cova enorme. Fim. *Finis*. Liquidação total. Esse caminho leva ao mais completo desaparecimento. Creia-me: a morte morreu. Que haja por lá alguém que tenha algo para me comunicar é coisa que não admito. Isso é coisa inventada pelas amas de leite. Bicho-papão para as crianças e Jeová para os adultos. Absolutamente: nosso futuro é a noite. Depois da sepultura só existe a igualdade do nada. Tenha sido eu Sardanápalo ou Vicente de Paulo, não importa; tudo se reduz ao mesmo nada. Essa é a verdade. Por isso, viva o superior a tudo. Use o seu *ego* enquanto o tem. Na verdade, Senhor Bispo, eu tenho a minha filosofia, os meus filósofos. Não me deixo enganar por bobagens. Mas, afinal, sempre é preciso alguma coisa para iludir os ignorantes, os

descalços, os mal pagos, os miseráveis. Fazem-nos, então, engolir essas lendas, essas quimeras, a alma, a imortalidade, o paraíso, as estrelas. E eles mastigam isso, besuntam com essa manteiga seu pão seco. Quem nada tem, tem o bom Deus. É o mínimo. Eu não vou impedir uma coisa dessas, mas continuo com o meu Naigeon. Essa história de Deus é boa para o povinho.

O Bispo bateu palmas.

– Eis o que é falar! – exclamou. – Que coisa excelente e maravilhosa esse materialismo! Não há quem não veja. Quando se é materialista, não se pode ser logrado. Um materialista não se deixaria bestamente exilar como Catão, nem se deixaria queimar como Joana d'Arc. Quem conseguiu encontrar tão admirável doutrina tem a alegria de se sentir irresponsável, de pensar que pode devorar tudo sem se preocupar, cargos, sinecuras, dignidades, o poder bem ou mal adquirido, as palinódias proveitosas, as traições úteis, as gostosas capitulações da consciência e, por fim, entrar no sepulcro com a digestão feita. Como é bom! Não digo isso por Sua Excelência, Senhor Senador. Mas não posso deixar de felicitá-lo. Gente como o senhor, ouvi-o de sua própria boca, tem filosofia própria, pessoal, rara, refinada, só acessível aos ricos, boa para todos os gostos, admirável condimento para todos os prazeres da vida. Essa filosofia é encontrada no mais profundo da terra e posta à luz por pesquisadores especializados. Mas os senhores são soberanos magnânimos, e não acham nada mau que a crença no bom Deus seja a filosofia do povo, mais ou menos como o pato com castanhas é o peru com trufas do pobre.

IX | COMO ERA VISTO PELA IRMÃ

Para dar ideia da vida do Senhor Bispo de Digne e de como essas duas senhoras subordinavam suas ações, seus pensamentos e, até mesmo, seus instintos femininos, inclinados ao medo, aos hábitos e intenções do Bispo, sem que ele tivesse o trabalho de falar para torná-los conhecidos, não o poderemos fazer melhor que transcrevendo aqui uma carta da Srta. Baptistine à Sra. Viscondessa de Boischevron, sua amiga de infância. Temo-la em nossas mãos.

Digne, 16 de dezembro de 18…

Boa senhora, não passa um dia sem que falemos a seu respeito. Já é hábito nosso, mas há ainda outra razão. Imagine que Mme. Magloire, lavando e espanando as paredes e o teto, descobriu muitas coisas interessantes. Atualmente, nossos dois quartos, que estavam revestidos de velho papel caiado, não fariam má figura num castelo como o seu. Mme. Magloire arrancou todo o papel e encontramos um mundo de coisas. Minha sala de estar não tem mobília e aproveitamos para estender aí a roupa lavada. É quadrada, tem quinze pés de altura e dezoito de largura. O teto é guarnecido de vigas com enfeites dourados como no seu palácio. No tempo do hospital, tudo estava recoberto por uma lona. Enfim, há até obras de talha do tempo de nossas avós. O mais interessante, porém, é o meu quarto. Mme. Magloire descobriu debaixo de, ao menos, dez papéis superpostos, pinturas que, se não são boas, são ao menos suportáveis. Representam Telêmaco armado cavaleiro por Minerva, e ele ainda nos jardins… não sei mais como se chamam. Afinal, um jardim aonde as damas romanas iam uma única noite. Que direi mais? Tenho aqui romanas, romanos (há uma palavra ilegível) e toda a sua comitiva. Mme. Magloire limpou tudo isso e, no verão, vai reparar algumas pequenas avarias, envernizar tudo de novo e o meu quarto se transformará num verdadeiro museu. Encontrou também no sótão dois consolos em estilo antigo. Pediram dois escudos de seis francos para dourá-los novamente, mas é melhor dar esse dinheiro aos pobres; além disso, já estão muito feios e eu preferiria uma mesa redonda de acaju.

Estou sempre feliz. Meu irmão é tão bom que dá tudo o que possui aos pobres e doentes. Estamos muito preocupados. Nesta região, o inverno é rigoroso, e é preciso fazer alguma coisa em favor dos que necessitam. Já estamos mais ou menos com agasalho e lenha suficientes. Como a senhora pode ver, temos grandes alegrias.

Meu irmão tem certos hábitos próprios. Em suas conversas, diz sempre que um bispo deve ser assim. Imagine que a porta da casa está sempre aberta. Quem quiser pode entrar e dá logo nos aposentos do meu irmão. Ele nunca reclama, mesmo à noite. Essa é a sua bravura, como costuma dizer.

Não quer absolutamente que eu ou Mme. Magloire nos preocupemos com ele. Expõe-se a todos os perigos sem que possamos, ao menos, dar mostra de percebê-los. É preciso saber compreendê-lo.

Sai mesmo com chuva, anda com os sapatos encharcados e viaja até durante o inverno. Não tem medo da noite, nem de estradas perigosas, nem de encontrar-se com malfeitores.

No ano passado, foi sozinho a uma região de ladrões. Não quis levar-nos com ele. Ficou ausente durante quinze dias. À sua volta, pensávamos que tivesse morrido, mas ele estava perfeitamente bem, e disse ainda: – Vejam como fui roubado! – E abriu uma arca contendo todas as joias da catedral de Embrun, presente dos ladrões.

Dessa vez, quando fui recebê-lo a alguma distância da cidade junto com outros amigos, não pude deixar de repreendê-lo um pouco, tendo o cuidado, porém, de falar só quando a

carruagem fazia barulho, para que ninguém mais escutasse.

Nos primeiros tempos, dizia para mim mesma: não há perigo que o amedronte; ele é terrível. Agora já estou acostumada. Recomendei a Mme. Magloire que não o contrariasse mais. Que se arrisque quanto quiser. Eu acompanho Mme. Magloire, fecho-me no meu quarto, rezo por ele e durmo. Sinto-me tranquila, porque, se lhe acontecesse alguma desgraça, seria o meu fim, e eu iria para Deus com meu irmão e meu Bispo. Mme. Magloire teve mais dificuldade do que eu para se acostumar ao que ela chamava de suas imprudências. Mas já nos habituamos. Nós duas rezamos juntas, temos medo juntas e nos deitamos.

O diabo pode entrar pela casa que ninguém o incomodará. Afinal, por que ter medo, se conosco há sempre alguém mais forte?

Que importa que o diabo nos visite, se esta é a casa de Deus?

Isso me basta. Agora não é necessário que meu irmão me diga uma única palavra. Eu o compreendo sem que ele fale, e ambos nos abandonamos à Providência.

Assim é que é preciso agir com um homem que tem grandes coisas em mente.

Interroguei meu irmão sobre as informações que a senhora me pediu sobre a família Faux. Bem sabe como sua memória é boa, e como continua sempre partidário do Rei. Trata-se, com efeito, de antiga família normanda do distrito de Caen. Há quinhentos anos já se falava de um Raoul de Faux, Jean de Faux e Thomas de Faux, todos gentis-homens, e um deles Senhor de Rochefort. O último que se conhece é Guy-Étienne Alexandre, Mestre de Campo e não sei que mais no corpo da Cavalaria Ligeira da Bretanha. Sua filha, Maria Luísa, casou-se com Adriano Carlos de Gramont, filho do Duque Luís de Gramont, Par de França, Coronel da Guarda francesa e Lugar-tenente-general do exército. O nome dessa família aparece com três grafias diferentes: Faux, Fauq e Faoucq.

Boa senhora, recomende-nos às orações de seu santo parente, S. Exa. o Cardeal. Quanto à querida Silvânia, faz muito bem em não perder os curtos momentos que passa em sua companhia para me escrever. Sei que é prestimosa, que trabalha como a senhora quer e me estima. É tudo o que desejo. Suas notícias a seu respeito já me deixaram tranquila. Minha saúde não anda mal, mas estou emagrecendo cada vez mais. Adeus; falta-me papel e tenho que terminar a carta.

Um milhão de felicidades.

Baptistine.

P.S. – Seu sobrinho é uma gracinha. Sabe que já vai fazer cinco anos? Ontem, vendo passar um cavalo com joelheiras, disse: – Que é que ele tem nos joelhos? – Que criança encantadora! O irmão menor arrasta pela casa uma vassoura velha como se fosse uma carruagem, e grita imitando o cocheiro.

Como se pode ver por essa carta, as duas mulheres sabiam acomodar-se à maneira de ser do Bispo, com esse jeito especial da mulher que compreende o homem mais que ele mesmo. O Bispo de Digne, com seu modo afável e bom, que jamais se contradizia, metia-se às vezes em empresas difíceis, arrojadas, admiráveis, sem mesmo dar-se conta do que se passava. As duas temiam pela sua sorte, mas deixavam-no agir. Mme. Magloire, às vezes, arriscava-se a fazer-lhe alguma observação, porém, sempre antes; nunca durante nem depois.

Não o perturbavam jamais, fosse com uma única palavra ou um simples sinal. Em certos momentos, sem que fosse necessário que ele o dissesse, sem que, talvez, ele mesmo soubesse, tanta era a sua simplicidade, elas percebiam vagamente que ele agia como bispo; então não passavam de duas sombras vagando pela casa. Serviam-no obedientes, quase sem se deixarem perceber e, se fosse preciso, desapareceriam. Sabiam, por admirável delicadeza de instinto, que certos cuidados, em vez de ajudar, atrapalham. Por isso, mesmo pensando que ele estava em perigo, as duas compreendiam, não digo seu pensamento, mas sua natureza, a ponto de não se afligirem mais pela sua sorte. Confiavam-no a Deus.

Essa era a razão pela qual a Srta. Baptistine dizia, como acabamos de ler mais acima, que a morte de seu irmão seria a sua morte. Mme. Magloire não o dizia, mas sabia disso perfeitamente.

X | O BISPO NA PRESENÇA DE UMA LUZ ESTRANHA

Em época um pouco posterior à data da carta que transcrevemos acima, D. Bienvenu, segundo se contava em toda a cidade, fez algo mais arriscado ainda que sua viagem pelas montanhas infestadas de bandidos.

Havia perto de Digne, no campo, um homem que vivia completamente afastado dos demais. Esse homem, digamos logo a palavra, era um velho convencionalista.[21] Seu nome era G.

Falava-se do convencionalista G. no pequeno mundo de Digne com uma espécie de horror. Já imaginaram o que significa um convencionalista? Isso é coisa do tempo em que as pessoas se tratavam por tu e se dizia: cidadão. Esse homem era quase um monstro. Ele não votou pela morte do Rei, mas quase. Era quase um regicida; um homem terrível. Como, então, voltando ao poder os príncipes legítimos, não o levaram à presença do Supremo

Tribunal? Não lhe cortariam a cabeça, se quisessem – afinal, é preciso ter um pouco de clemência –, mas não era nada mau um exílio para toda a vida. Um exemplo, enfim! etc. etc… Afinal, era um ateu, como todos os da sua espécie. – Mexericos de patos a respeito do abutre.

Seria, verdadeiramente, um abutre esse tal G.? Não se poderá negá-lo, se formos julgar pelo que havia de selvagem na sua solidão. Não tendo votado pela morte do Rei, não foi incluído nos decretos de exílio e pôde permanecer na França.[22]

Morava a três quartos de hora da cidade, longe de qualquer aldeia ou estrada, não se sabe em que recôncavo perdido de um vale inabitado. Dizia-se que era uma espécie de campo aberto, uma toca, uma gruta. Não havia vizinhos e ninguém passava por aquele lugar. Depois que foi morar nesse vale, o trilho que para lá conduzia desapareceu no meio do mato. Falava-se desse lugar como da casa do carrasco.

Apesar de tudo o que se falava, o Bispo pensava nesse pobre homem e, de vez em quando, olhando o horizonte, onde um pequeno bosque marcava o lugar em que habitava o velho membro da Convenção Nacional, dizia: – Lá há uma alma desamparada.

E acrescentava mentalmente: “Devo fazer-lhe uma visita”.

Convenhamos, porém, que essa ideia, à primeira vista tão natural, depois de um momento de reflexão pareceu-lhe estranha, impossível, repugnante até. Pois, no fundo, participava da impressão geral, e o convencionalista inspirava-lhe, sem que se desse conta, esse sentimento tão bem expresso pela palavra indiferença, o limite exato do ódio.

Por acaso a sarna da ovelha deve afastar o pastor? É claro que não! Mas de que ovelha se tratava?

O bom Bispo ficava sem saber o que fazer. Às vezes ia passear por aquelas partes, mas voltava logo.

Enfim, um dia correu o boato na cidade de que um jovem pastor, que servia o convencionalista G. na sua gruta, viera procurar um médico; diziam que o velho malfeitor estava à morte, que havia sido atacado de paralisia e não passaria daquela noite. – Graças a Deus! – diziam alguns.

D. Bienvenu pegou sua bengala, pôs a capa, por causa da batina que estava muito usada – como dissemos, esse era o seu costume – e também para se abrigar do vento da noite que logo começaria a soprar, e partiu.

O sol já se escondia, quase tocava a linha do horizonte quando o Bispo chegou ao malfadado lugar. Percebeu, pelas batidas aceleradas do coração, que estava perto da caverna. Pulou um buraco, transpôs um valado, uma cerca de tábuas, deu mais alguns passos resolutamente e, de repente, no fundo do descampado, por trás de um grande espinheiro, divisou a caverna.

Era uma cabana muito baixa, miserável, pequena mas asseada, tendo toda a frente coberta por uma parreira.

Diante da porta, sentado numa velha cadeira de rodas, um homem de cabelos brancos sorria à luz do sol.

Atrás do velho, de pé, estava um rapaz: era o pequeno pastor, que nesse instante oferecia ao doente uma tigela de leite.

Enquanto o Bispo contemplava essa cena, o velho levantou a voz e disse:

– Obrigado; não tenho necessidade de mais nada. – Então, seu sorriso deixou o sol e se fixou no menino.

O Bispo chegou mais para perto. Ao barulho de seus passos, o velho voltou-se e seus olhos expressaram toda a surpresa que se pode ter depois de uma vida tão longa.

– Desde que moro aqui – disse – é a primeira vez que me visitam. Quem é o senhor?

O Bispo respondeu:

– Chamo-me Bienvenu Myriel.

– Bienvenu Myriel! Já ouvi falar nesse nome. Não é o senhor que chamam de D. Bienvenu?

– Justamente.

O velho continuou, meio sorrindo:

– Então, o senhor é o meu Bispo?

– Mais ou menos.

– Entre, Sr. Bispo.

O convencionalista estendeu-lhe a mão, mas ele não a tomou, e limitou-se a dizer:

– Estou satisfeito de ver que me enganaram. O senhor não me parece nada doente.

– Excelência – disse o velho –, eu vou sarar.

E depois de um silêncio:

– Vou morrer dentro de três horas.